Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Nuno Rafael Silva

O Lugar da Comunidade
Projeto de um equipamento no alto Montezelo

junho de 2026

O Lugar da Comunidade
Projeto de um equipamento no alto Montezelo
Nuno Rafael Silva
UMinho | 2026

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Nuno Rafael Silva

O Lugar da Comunidade
Projeto de um equipamento no Alto Montezelo

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Arquitetura
Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Ivo Oliveira

junho de 2026

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.
Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.
Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho marca o culminar de um percurso exigente e desafiante, ao longo do qual contei com o apoio de várias pessoas, às quais gostaria de expressar o meu sincero agradecimento.

Ao Professor Ivo Oliveira, meu orientador, agradeço a orientação, a disponibilidade e o acompanhamento ao longo deste trabalho, bem como a presença constante ao longo do meu percurso académico.

À Ana Margarida, pelo apoio, motivação e pela partilha de uma perspetiva prática, enriquecida pela sua experiência no Corpo Nacional de Escutas de Lousado.

Aos meus colegas Pedro Costa, Eduardo Lopes e Rui Fernandes, que me acompanham desde o início do meu percurso académico, agradeço o companheirismo e a entreajuda ao longo desta etapa.

Aos meus pais, agradeço o apoio incondicional, a compreensão e o incentivo constante, bem como, no caso do meu pai, o contributo dado através da sua experiência enquanto antigo membro da comissão de festas, que se revelou relevante para o desenvolvimento do projeto.

RESUMO

Com este trabalho de projeto propõe-se a construção de um equipamento coletivo no Alto de Montezelo, em Lousado, com o objetivo de conferir uma maior qualidade espacial e funcional ao território e à vivência comunitária. A proposta tem como ponto de partida a localização de um pequeno edifício datado de 1982, no qual tem funcionado a sede da comissão de festas. Entre esta função e outras utilizações que teve ao longo do tempo, tem vindo a perder relevância pelo facto de não responder adequadamente aos mais recentes requisitos funcionais, revelando-se pouco adequado ao acolhimento de novos usos.

O edifício é servido por um espaço público que foi recentemente requalificado; a intervenção foca-se na substituição da construção existente. Através do desenvolvimento do projeto para um novo equipamento, pretende-se não apenas responder ao programa inicial de sede para a comissão de festas, mas também criar um programa multifuncional, permitindo que seja usufruído por outras entidades locais.

O desenvolvimento do projeto baseia-se numa análise do território e das suas dinâmicas, explorando a topografia, a pré-existência arquitetónica e o enquadramento paisagístico como elementos estruturantes da proposta. Trata-se de uma proposta que tem como referências intervenções contemporâneas, como o Allmannajuvet Zinc Mine Museum de Peter Zumthor, que dialogam com a memória do lugar, conciliando estratégias de integração na paisagem e novas formas de ocupação do espaço e de construir.

O trabalho de projeto apresenta-se como um contributo para o reforço da vida coletiva, criando condições espaciais para o acolhimento de atividades promovidas pelas várias coletividades da freguesia. Simultaneamente, numa freguesia fortemente marcada pela atividade industrial, pretende-se constituir uma pequena centralidade com atividades que se possam expandir no espaço e no tempo. Por fim, procura-se valorizar uma forma de construir que possibilita alguma aproximação entre produtos e técnicas com origem no território, que podem recuperar saberes locais, nomeadamente os que estavam ligados à produção e ao trabalho da madeira.

PALAVRAS-CHAVE:

Comunidade, Requalificação, Programa multifuncional, Equipamento comunitário, Espaço Público.

ABSTRACT

This project proposes the construction of a community facility at Alto de Montezelo, in Lousado, with the aim of improving the spatial and functional quality of the territory and strengthening community life. The proposal is based on the presence of a small building dating from 1982, currently used as the headquarters of the local festival committee. Over time, and despite its different uses, the building has gradually lost relevance due to its inability to adequately respond to current functional requirements, proving unsuitable for accommodating new uses.

The building is served by a recently refurbished public space, and the intervention focuses on replacing the existing structure. Through the development of a new facility, the project seeks not only to respond to the original programme as the headquarters of the festival committee, but also to establish a multifunctional programme capable of being used by other local organisations.

The project is developed through an analysis of the territory and its dynamics, exploring topography, architectural pre-existence and landscape context as structuring elements of the proposal. The intervention draws on contemporary references, such as the Allmannajuvet Zinc Mine Museum by Peter Zumthor, which engage with the memory of place while combining strategies of landscape integration with new forms of spatial occupation and construction.

This project seeks to contribute to the reinforcement of collective life by creating spatial conditions capable of accommodating activities promoted by the various local associations. At the same time, within a parish strongly shaped by industrial activity, the proposal aims to establish a small local centrality, allowing activities to expand both spatially and temporally.

Finally, the project promotes a constructive approach that reconnects materials and techniques rooted in the territory, recovering local knowledge and practices, particularly those associated with timber production and woodworking traditions.

KEYWORDS:

Community, Rehabilitation, Multifunctional Programme, Community Centre, Public Space.

Índice

INTRODUÇÃO

Contextualização 17

Justificação e identificação da problemática 17

Objetivos, metodologia e estrutura 19

ENQUADRAMENTO TERRITORIAL E URBANO 21

Industrialização e o impacto no território 27

Estação ferroviária e transformação urbana 31

Relação entre história, indústria e espaço construído 33

Património, identidade e cultura 35

Montezelo e o seu papel na Freguesia 37

LUGAR E PROGRAMA

Análise do programa e suas limitações 43

Nova proposta de programa 45

PROJETO

Conceito 47

Implantação 53

Organização funcional 54

Expressão arquitetónica 63

EPÍLOGO 67

BILIOGRAFIA 69

ÍNDICE DE FIGURAS 71

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO

O trabalho de projeto desenvolvido propõe a construção de um edifício situado no Alto de Montezelo, em Lousado. Trata-se de uma proposta que tem como ponto de partida, do ponto de vista da implantação e da função, um edifício datado de 1982, que ao longo dos anos tem apoiado as atividades da comissão de festas, apresentando limitações ao nível da acessibilidade, da funcionalidade e da adaptação a diferentes usos.

Num contexto em que o espaço público envolvente foi recentemente requalificado, a intervenção propõe a substituição da estrutura existente por um novo edifício com um programa mais abrangente, capaz de servir não apenas a comissão de festas, mas também outras entidades/atividades locais ao longo do ano. O projeto desenvolve-se a partir da análise da topografia, da relação com a paisagem e das preexistências construídas, procurando reforçar o papel do Montezelo enquanto espaço de apoio à comunidade.

JUSTIFICAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

O lugar de Montezelo, apesar do seu potencial enquanto lugar de encontro e permanência, encontra-se atualmente subutilizado e com limitações que condicionam a sua apropriação pela comunidade. A falta de capacidade de adaptação a novas dinâmicas contribui para uma vivência limitada do local, diminuindo o seu papel no contexto coletivo.

Torna-se, assim, pertinente refletir sobre a necessidade de promover uma utilização mais inclusiva e ajustada às exigências atuais, reforçando a sua função na vida da comunidade. Uma utilização que tire partido do facto de o espaço público ter sido qualificado, mas de carecer de maior densidade e diversidade funcional.

OBJETIVOS, METODOLOGIA E ESTRUTURA

Partindo da identificação das limitações da estrutura e do programa existente, e da necessidade de repensar este ponto do território, de modo a responder melhor às necessidades atuais, pretende-se estudar a possibilidade de introduzir um novo edifício que se relacione com a topografia do local, estabelecendo a ligação entre a cota da praça superior e a área florestal envolvente.

O edifício é entendido como um elemento capaz de aproximar o espaço público construído da paisagem natural, contribuindo para uma utilização mais contínua e integrada do lugar. Procura-se ainda compreender de que forma este espaço poderá acolher diferentes usos e atividades, reforçando o carácter público do Montezelo.

O trabalho parte também de uma preocupação com a identidade do sítio, assumindo como intenção a integração cuidada de uma futura intervenção na envolvente. São considerados, desde o início, princípios de acessibilidade, segurança, conforto e sustentabilidade, entendidos como bases para o desenvolvimento da proposta.

O trabalho incorpora igualmente uma reflexão sobre as opções construtivas e estruturais adotadas, entendendo a construção como parte integrante do processo projetual e da identidade da proposta. Neste sentido, procura-se desenvolver um sistema construtivo que valorize a utilização da madeira enquanto elemento estrutural principal, articulando-a com materiais associados ao território, nomeadamente o granito presente na pré-existência. Pretende-se, assim, explorar uma forma de construir que concilie critérios de sustentabilidade, integração paisagística e valorização de técnicas e saberes ligados ao trabalho da madeira, estabelecendo uma relação entre a solução construtiva e o contexto físico e cultural do Montezelo.

A metodologia assenta numa abordagem que cruza análise e projeto. Inicia-se com a observação e interpretação do local, tendo em conta as suas características físicas e as formas de utilização existentes. A partir dessa leitura, será desenvolvido um projeto que procura responder às condições do sítio e aos objetivos definidos, entendendo-o como um meio de investigação e de construção de conhecimento através da prática.



Figura 1. Identificação da zona do vale do Ave onde se insere Lousado

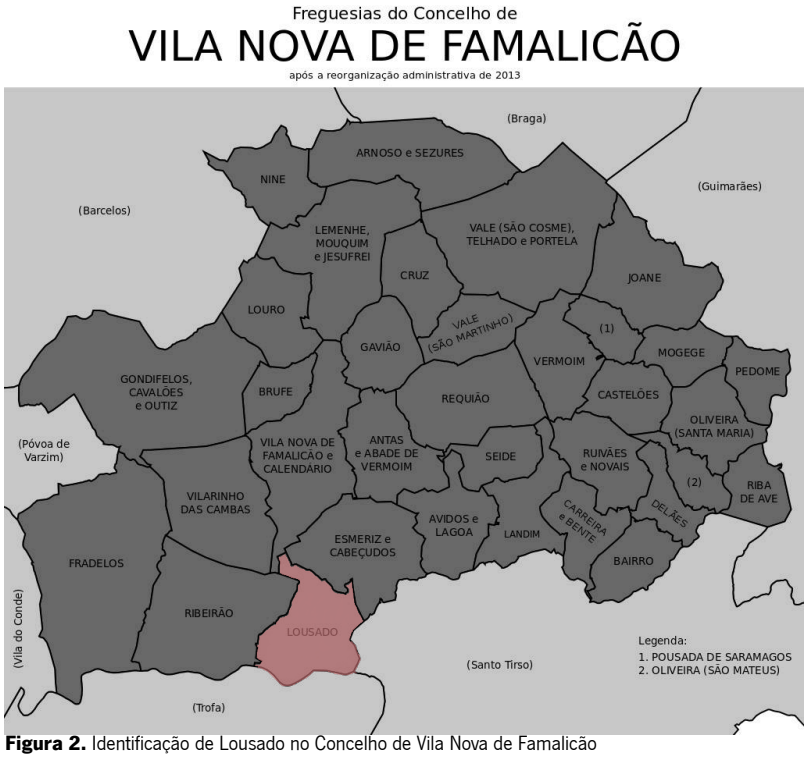


Figura 2. Identificação de Lousado no Concelho de Vila Nova de Famalicão

ENQUADRAMENTO TERRITORIAL E URBANO

Lousado é uma freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão, localizada no sudoeste do distrito de Braga, integrada na região do Minho e no território do Vale do Ave. Este contexto territorial caracteriza-se por uma topografia e hidrografia complexas, que condicionaram historicamente a ocupação agrícola do solo, a organização da propriedade e a evolução da estrutura parcelar. A ocupação dispersa do território desenvolveu-se de forma articulada com antigos eixos viários, estabelecendo uma rede de lugares habitados e produtivos que ainda hoje marca a paisagem.

Ao longo do século XX, este território recebeu importantes infraestruturas, nomeadamente a ferrovia e, mais tarde, uma rede de vias rápidas e autoestradas, que reforçaram a sua acessibilidade e potenciaram o desenvolvimento industrial. Estas transformações tiveram um papel determinante na reorganização do território, intensificando a relação entre atividades agrícolas, produção industrial e áreas habitacionais. Atualmente, Lousado beneficia de uma posição estratégica e de boas acessibilidades, destacando-se a proximidade a centros urbanos como Braga e Porto, bem como a ligação através de infraestruturas como estrada N14 (Porto/Braga) a A3 e a A7.

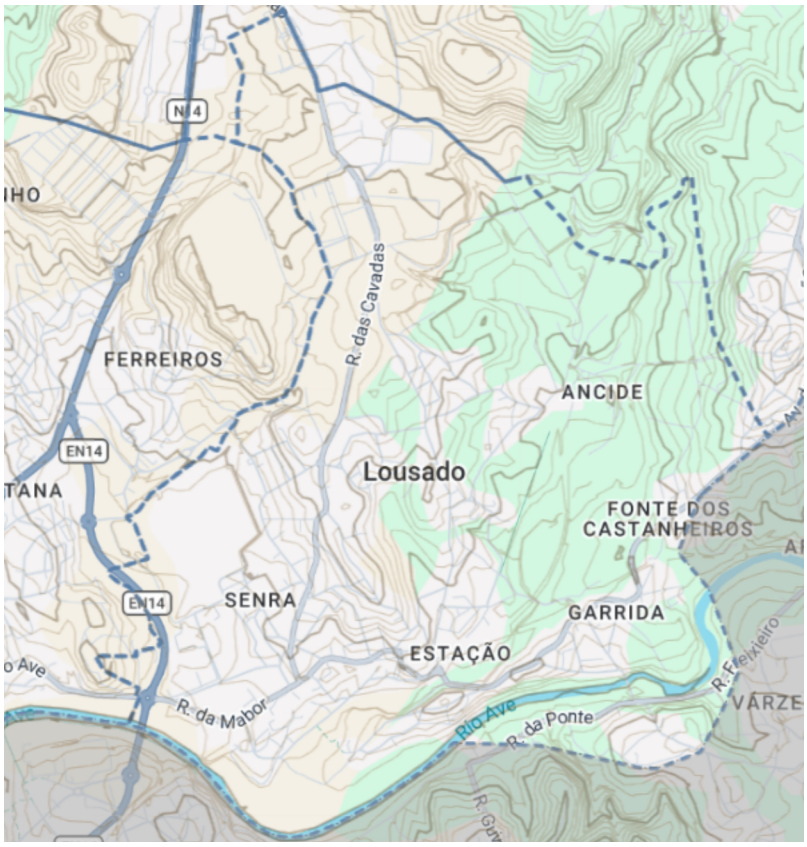


Figura 3. Extratos do PDM com demarcação das curvas de nível.

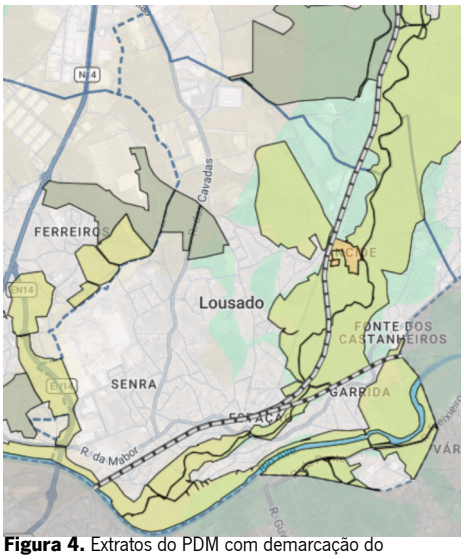


Figura 4. Extratos do PDM com demarcação do solo rural

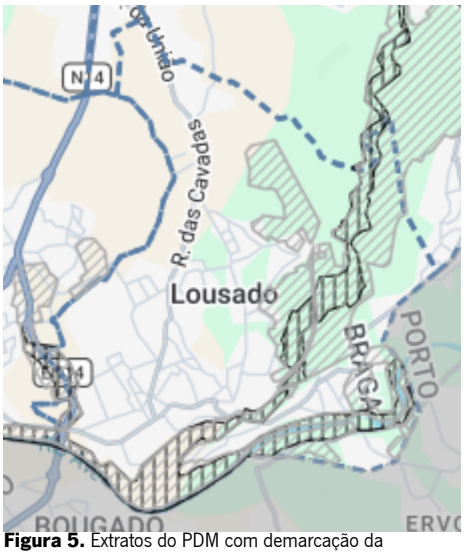


Figura 5. Extratos do PDM com demarcação da RAN e REN

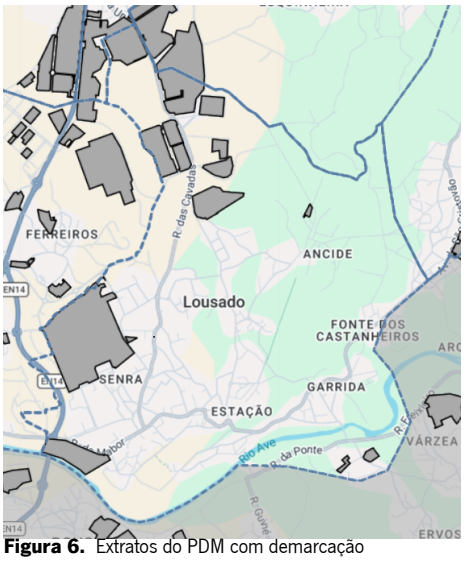


Figura 6. Extratos do PDM com demarcação das Áreas industriais

O território apresenta atualmente uma matriz híbrida, característica do Vale do Ave, onde coexistem áreas residenciais dispersas, espaços agrícolas e zonas industriais. Esta sobreposição de realidades produz uma paisagem marcada pelo contraste: coexistem espaços fortemente industrializados com áreas de habitação dispersa e lugares onde permanece uma expressiva ruralidade. Estas diferentes dimensões articulam-se através de uma rede viária densa, responsável pela ligação entre núcleos habitacionais, espaços produtivos e locais com valor patrimonial e paisagístico.

Paralelamente, a progressiva densificação da habitação e da indústria tem vindo a reduzir a visibilidade de outras atividades produtivas historicamente relevantes, como a agricultura e a exploração florestal. Apesar disso, estas continuam a desempenhar um papel importante na definição da paisagem e da identidade local, permanecendo presentes em parcelas agrícolas, áreas arborizadas e espaços de transição entre os diferentes usos do solo.

É neste contexto que se insere o Alto de Montezelo, localizado numa cota elevada da freguesia e caracterizado pela relação entre espaço público, massa florestal e áreas edificadas envolventes. O lugar assume-se como um ponto de transição entre diferentes realidades territoriais, articulando a presença da paisagem natural com a ocupação construída. A existência de uma praça recentemente requalificada, associada ao edifício da antiga sede da comissão de festas, confere-lhe um papel de referência local e de potencial centralidade para atividades coletivas. Contudo, as limitações funcionais e espaciais da construção existente evidenciam a necessidade de repensar este espaço, explorando a possibilidade de criar um novo equipamento capaz de reforçar a relação entre arquitetura, topografia e paisagem.

A building has at least two lives - the one imagined by its maker and the life it lives afterward - and they are never the same.

-Koolhaas, Rem (2012) The Invention and Reinvention of the City. Entrevista por Paul Fraioli.



Figura 7. Vista aérea onde é possível observar a matriz híbrida típica da zona do Vale do Ave onde a área industrial e os terrenos agrícolas estabelecem grande proximidade.









Figuras 8 a 11. Vista aérea de áreas Industriais presentes em Lousado

INDUSTRIALIZAÇÃO E O IMPACTO NO TERRITÓRIO

Lousado é hoje um dos principais polos industriais da região, acolhendo importantes unidades produtivas ligadas aos setores automóvel, metalomecânico e tecnológico. Destaca-se a Continental Portugal, instalada em Lousado desde 1990 após a aquisição da Mabor, constituindo atualmente uma das maiores fábricas do grupo na Europa e empregando cerca de 2 700 trabalhadores. Para além desta, destacam-se igualmente a HESS Portugal, associada à produção metalomecânica e de veículos de transporte, e a Leica Portugal, ligada à produção de equipamentos óticos e instrumentos de precisão. A presença destas empresas evidencia a importância económica da freguesia, que apesar de possuir cerca de 3884 habitantes residentes, assume um papel relevante no contexto industrial do concelho e da região.

A fixação destas indústrias trouxe benefícios significativos ao território, nomeadamente a criação de postos de trabalho, o reforço das acessibilidades, o desenvolvimento do comércio e a dinamização económica. A melhoria das infraestruturas viárias e ferroviárias contribuiu igualmente para consolidar Lousado como um importante território produtivo e logístico.

No entanto, o crescimento industrial resultou numa transformação significativa do tecido construído e na reconfiguração da paisagem. A expansão das áreas industriais e habitacionais conduziu à redução progressiva de áreas verdes, espaços agrícolas e zonas florestais, alterando a relação anteriormente existente entre produção, habitação e território. Este processo levou também a uma maior proximidade entre áreas residenciais e frentes industriais, originando situações de conflito associadas, nomeadamente, ao ruído, à circulação viária intensa e aos impactes decorrentes da atividade produtiva.

Apesar destas transformações, o território mantém ainda vestígios da sua matriz rural e agrícola, coexistindo atualmente espaços industriais, áreas habitacionais dispersas e remanescentes agrícolas e florestais que contribuem para a complexidade e identidade da paisagem de Lousado.







Figuras 12 a 14. manchetes de notícias acerca do impacto industrial.



Figura 15. Ortofotomapa de Lousado 2003 destacando a área industrial, cursos de água, linha ferroviária e o Alto Montezelo



Figura 16. Ortofotomapa de Lousado 2025 destacando a área industrial, cursos de água, linha ferroviária e o Alto Montezelo



Figura 17. Vista aérea Estação ferroviária Lousado



Figura 18. Linhas ferroviárias Porto-Braga e Porto-Guimarães

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA E A TRANSFORMAÇÃO URBANA

A Estação Ferroviária de Lousado integrou a freguesia na rede ferroviária nacional através da Linha do Minho, entrando em funcionamento em 1875. A sua importância reforçou-se a partir de 1883 com a abertura do troço da Linha de Guimarães, então explorada pela Companhia dos Caminhos-de-Ferro de Guimarães, transformando Lousado num ponto estratégico de articulação ferroviária entre os eixos do Porto, Braga e Guimarães.

No mesmo ano, a Companhia dos Caminhos-de-Ferro de Guimarães instalou em Lousado oficinas destinadas à manutenção e reparação do material circulante associado à linha. Estas estruturas desempenharam um papel relevante no desenvolvimento económico e social da freguesia, constituindo um importante núcleo produtivo ligado à atividade ferroviária e contribuindo para o processo de transformação do território. As oficinas mantiveram-se em funcionamento entre 1883 e 1927, período durante o qual Lousado assumiu um papel significativo na operação e apoio técnico da rede ferroviária regional.

Com o declínio desta atividade, as oficinas foram progressivamente desativadas, dando lugar ao atual Museu Ferroviário de Lousado, que preserva parte deste património e acolhe uma exposição permanente dedicada à história da ferrovia portuguesa. Atualmente, a estação mantém um papel estratégico na rede ferroviária nacional, funcionando como ponto de separação das linhas de Braga e Guimarães, provenientes do Porto, integrando o sistema dos Comboios Urbanos do Porto e reforçando a acessibilidade da freguesia no contexto regional.

Estava ainda prevista a construção de um terminal ferroviário promovido pela MEDWAY, inicialmente projetado para assumir grande relevância logística na região de Vila Nova de Famalicão. Contudo, o projeto não chegou a concretizar-se, tendo sido inviabilizado por diversos fatores de natureza técnica, económica e ambiental.

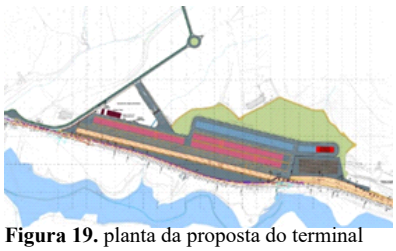


Figura 19. planta da proposta do terminal ferroviário.

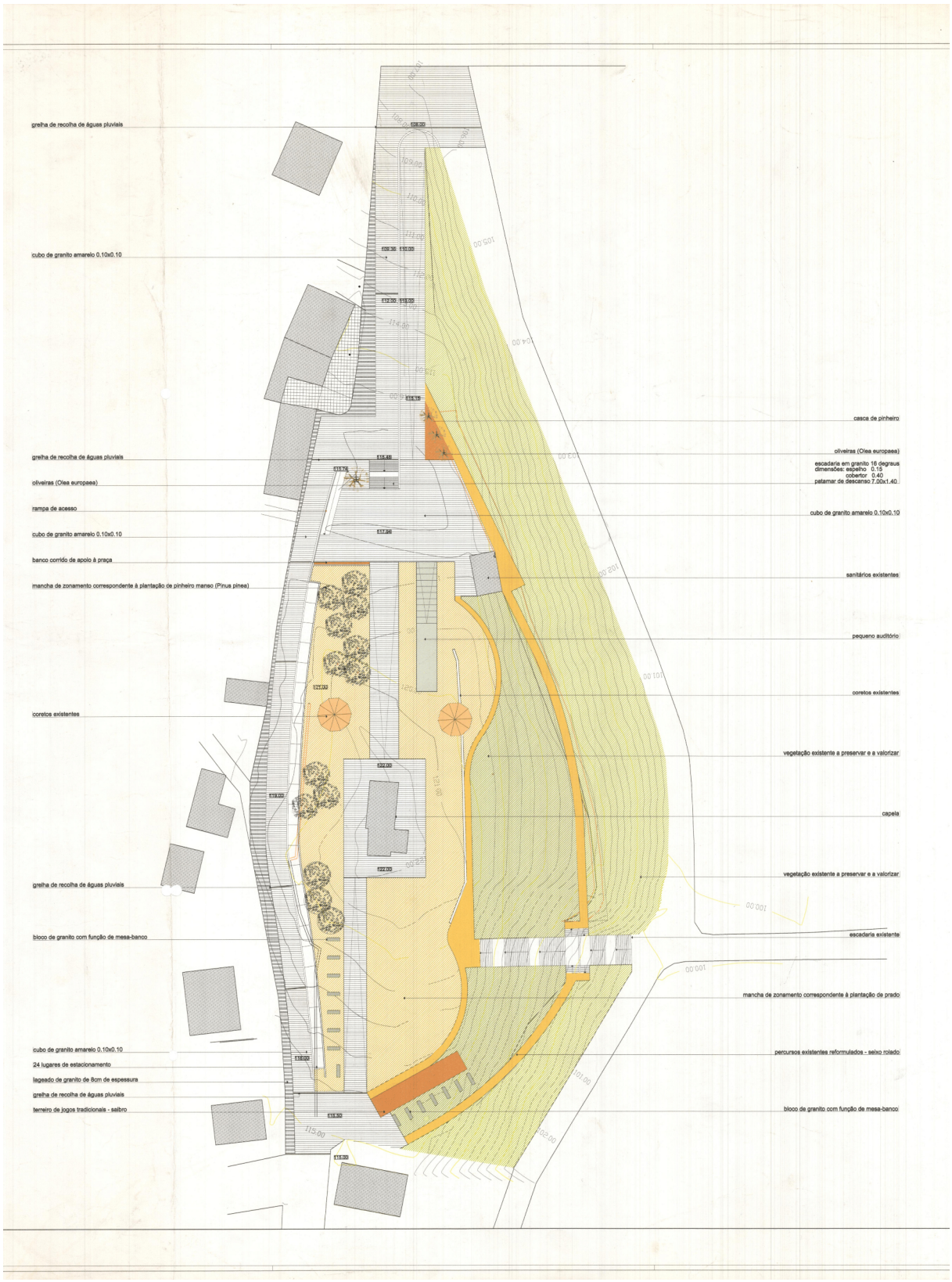


Figura 20. Planta da proposta para requalificação do Montezelo

RELAÇÃO ENTRE HISTORIA INDÚSTRIA E ESPAÇO CONSTRUÍDO

A evolução de Lousado reflete uma transformação típica das localidades marcadas pela industrialização. A presença industrial e a sua expansão geram desafios de planeamento e arquitetura, exigindo um olhar atento sobre a forma como o espaço e o edificado são estruturados. A preservação da identidade local, a valorização do património e a criação de novos espaços que conciliem funcionalidade e tradição são questões centrais para o desenvolvimento futuro da freguesia.

Dentro deste contexto, o Alto de Montezelo surge como um espaço de grande importância simbólica e territorial. Situado num dos pontos mais altos da freguesia, o Montezelo contrasta com a expansão industrial e urbana, preservando uma ligação com a paisagem e com as tradições comunitárias.

Embora os espaços públicos tenham sido recentemente intervencionados, constata-se alguma fragilidade funcional, não existindo atividades que contribuam para que faça parte, de forma a torná-lo mais funcional e integrado na realidade contemporânea da freguesia, onde será analisada a evolução do Montezelo e o desenvolvimento de uma proposta arquitetónica que respeite o seu caráter histórico e a sua vocação comunitária.







Figuras 21 a 23. Imagens do Montezelo durante a romaria nova.

MONTEZELO E O SEU PAPEL NA FREGUESIA

Montezelo destaca-se como um ponto alto da freguesia, uma zona pouco afetada pela industrialização e pelo forte crescimento urbano, oferecendo uma vista privilegiada sobre o território envolvente. A sua localização na fronteira com a Trofa, separada pelo Rio Ave, não corresponde apenas a uma delimitação geográfica entre freguesias, mas também a uma barreira natural que divide parte dos distritos do Porto e de Braga. Este rio, além de marcar limites territoriais, constitui um elemento central da paisagem, sendo acompanhado pelo Passadiço das Azenhas, atualmente presente apenas num tramo localizado no município da Trofa, mas com planos para a extensão do percurso pedonal ao longo do município de Vila Nova de Famalicão. Às margens do rio corresponde uma forte mancha agrícola, pontualmente interrompida por áreas industriais.

PATRIMÓNIO E IDENTIDADE CULTURAL

Lousado preserva ainda alguns elementos patrimoniais e culturais que reforçam a sua identidade e ligação com a história. Destaca-se o facto de ter sido a terra natal do Cardeal Cerejeira.

• Ponte de Lagoncinha – Uma ponte de origem romana que atravessa o rio Ave, representando um marco histórico e arquitetónico da região.

• Museu Ferroviário de Lousado – Espaço dedicado à história ferroviária portuguesa, onde é possível encontrar uma coleção de locomotivas, carruagens e outros artefactos ligados ao transporte ferroviário.

• Casa do Cardeal Cerejeira, proporcionando uma visão sobre a sua vida e legado. Atualmente, este edifício é também usado como biblioteca da freguesia.

A freguesia conta ainda com um conjunto de instituições e associações que desempenham um papel ativo na dinamização da vida comunitária, abrangendo diferentes faixas etárias e interesses. Destaca-se a Casa do Povo de Lousado, que promove iniciativas de caráter social, cultural e recreativo, funcionando como um ponto de encontro e de apoio à população. O Agrupamento n.º 124 do Corpo Nacional de Escutas assume um papel relevante na formação dos mais jovens, através de atividades regulares que incentivam valores como a responsabilidade, o espírito de grupo e a ligação à comunidade, muito ativo em eventos locais. Já o grupo de jovens Fénix da Pedra Angular contribui para a dinamização cultural e social, promovendo iniciativas dirigidas à juventude, como eventos, encontros e atividades de participação cívica.

A par destas, existem ainda diversas coletividades de caráter desportivo e cultural, como o CDL (Clube Desportivo Lousado) e o rancho folclórico de Sta. Marinha de Lousado, que reforçam a oferta de atividades e consolidam redes de sociabilidade, tornando estas associações fundamentais na construção de uma identidade local coesa e numa utilização mais ativa e contínua dos espaços coletivos.



Figura 24. Ponte da Lagoncinha



Figura 25. Museu Ferroviário



Figura 26. Casa do Cardeal Cerejeira



Figura 27. Casa do Povo

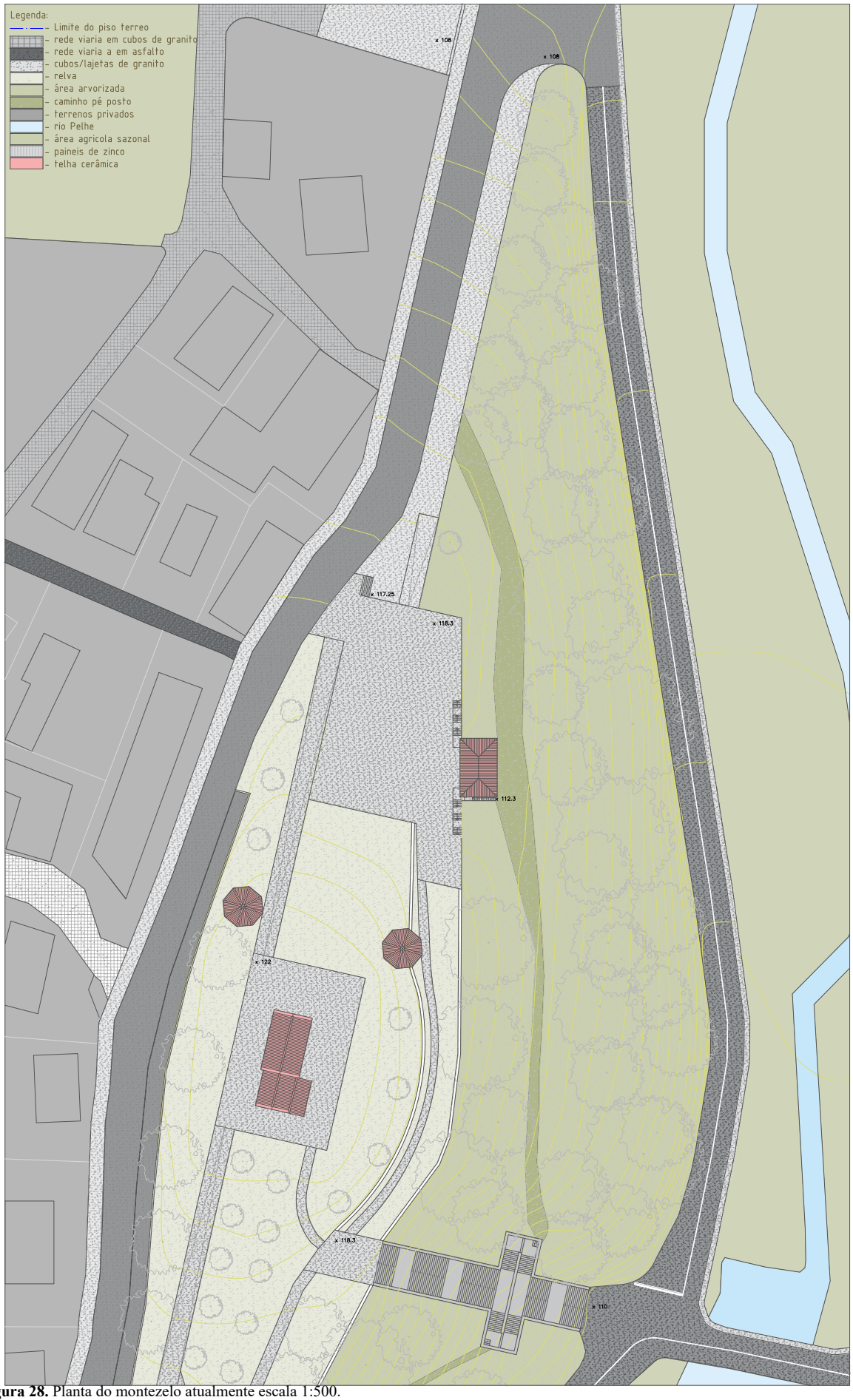


Figura 28. Planta do montezelo atualmente escala 1:500.

MONTEZELO E O SEU PAPEL NA FREGUESIA

Montezelo destaca-se como um ponto alto da freguesia, uma zona pouco afetada pela industrialização e pelo forte crescimento urbano, oferecendo uma vista privilegiada sobre o território envolvente. A sua localização na fronteira com a Trofa, separada pelo Rio Ave, não corresponde apenas a uma delimitação geográfica entre freguesias, mas também a uma barreira natural que divide parte dos distritos do Porto e de Braga. Este rio, além de marcar limites territoriais, constitui um elemento central da paisagem, sendo acompanhado pelo Passadiço das Azenhas, atualmente presente apenas num tramo localizado no município da Trofa, mas com planos para a extensão do percurso pedonal ao longo do município de Vila Nova de Famalicão. Às margens do rio corresponde uma forte mancha agrícola, pontualmente interrompida por áreas industriais.









Figuras 29 a 32. Vistas aéreas do Montezelo










Figuras 33 a 40. Levantamento fotográfico do Montezelo, é possível notar uma tenda para eventos, utilizada para as várias atividades da comissão de festas ao longo do ano para angariação de fundos.

Do ponto de vista topográfico, o Montezelo situa-se aproximadamente à cota dos 118 m, enquanto as zonas ribeirinhas apresentam valores inferiores, localizando-se o Rio Pelhe em torno dos 93 m e o Rio Ave próximo dos 90 m. Esta diferença altimétrica corresponde a um desnível aproximado de 25 a 28 m, estabelecendo uma relação direta entre o lugar e os vales fluviais envolventes.



Apesar de o Montezelo não corresponder a uma das cotas mais elevadas da freguesia, a sua localização geográfica entre os vales do Rio Ave e do Rio Pelhe, acompanhados por extensas áreas agrícolas, confere-lhe uma perceção de maior altitude e domínio visual sobre o território. A presença destas áreas abertas, associada à relativa ausência de construção e à proximidade das zonas ribeirinhas, reforça a leitura do Montezelo como um ponto de referência paisagística, permitindo uma ampla relação visual com a envolvente e contribuindo para o seu caráter singular no contexto de Lousado.



Figuras 41 e 42. Vista do sino da Igreja durante e após a requalificação do Montezelo

No território de Lousado tem-se verificado, ao longo das décadas, uma progressiva substituição de áreas agrícolas por expansão industrial e urbana. No Montezelo, essa transformação não ocorreu com a mesma intensidade, sendo a linha de caminho de ferro um fator que terá funcionado como barreira física, limitando essa expansão. A presença de áreas verdes e de terrenos ainda pouco urbanizados contrasta com o desenvolvimento mais acelerado da freguesia, conferindo ao Montezelo um caráter mais resguardado, onde se preservam várias das suas características naturais e históricas.

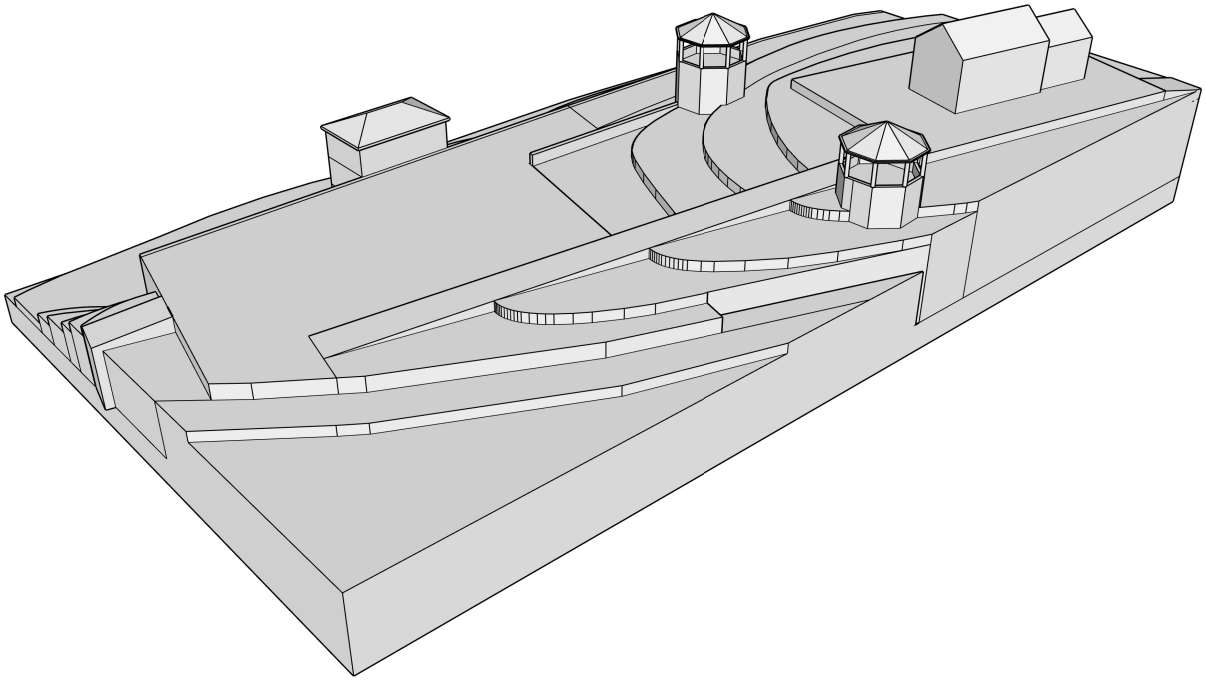


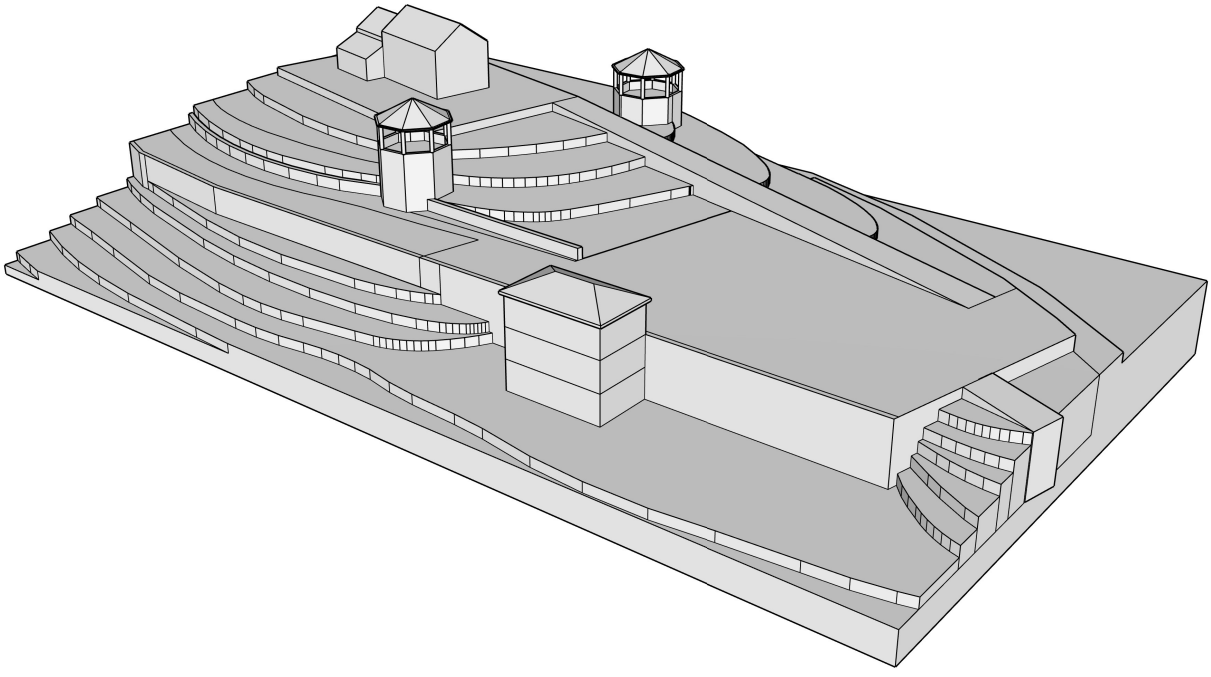
Para além do seu valor paisagístico, o Montezelo assume-se historicamente como um lugar de forte tradição comunitária, associado a diferentes momentos de encontro coletivo. Ao longo do tempo, o espaço foi palco de diversas manifestações religiosas e sociais, desde procissões e missas campais até feiras e outros eventos organizados pela população local. A sua importância simbólica e cultural para a comunidade justificou, em diferentes momentos, intervenções de revitalização destinadas a preservar e reforçar o seu papel como espaço de convívio e celebração.



Figuras 43 e 44. Sede original dos escuteiros no Montezelo que foi destruída durante as obras de requalificação do Montezelo.

Entre as tradições mais marcantes associadas ao lugar destaca-se a Romaria Nova de Lousado, cuja origem remonta à celebração da inauguração da Capela do Sagrado Coração. A construção da capela foi possível graças ao contributo direto da população local,





Figuras 45 a 46. Modelos tridimensionais do Alto Montezelo.

não apenas através de apoio financeiro, mas também pela participação ativa na mão de obra e no transporte dos materiais necessários, evidenciando o caráter comunitário da romaria, que em 2026 celebra os seus 150 anos de existência.

A organização da festa é assegurada por uma comissão de festas renovada anualmente. A cada ano, um novo grupo de membros da comunidade assume a responsabilidade pela preparação do evento, garantindo assim a continuidade da tradição. O financiamento necessário para a realização da festa é obtido sobretudo através de peditórios porta a porta, complementados por pequenos eventos organizados ao longo do ano.

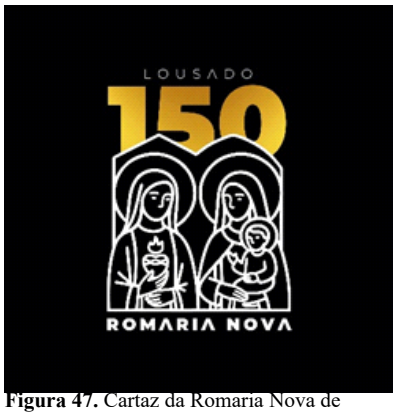
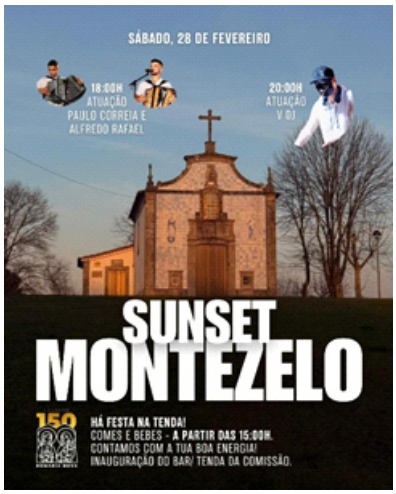


Figura 47. Cartaz da Romaria Nova de 2026.

Apesar da sua relevância histórica e cultural, a dimensão da festa foi diminuindo ao longo do tempo, refletindo as transformações sociais e demográficas da comunidade. Em determinado momento, chegou mesmo a existir o risco de a celebração não se realizar. Contudo, a poucos meses da data prevista para a Romaria, um grupo de jovens da freguesia decidiu assumir a responsabilidade pela sua organização, assegurando a continuidade da tradição.

A partir desse momento, voltou-se a instalar entre as diferentes comissões uma dinâmica de competição saudável, no sentido de que cada edição da festa tentasse superar a anterior. Como consequência, as comissões passaram a apostar na diversificação das atividades associadas à angariação de fundos, nomeadamente através da criação de tasquinhas, bares, sunsets e jantares temáticos que acontecem no Montezelo ao longo do ano.



Este processo conduziu a uma utilização cada vez mais intensa da sede da comissão de festas. Embora o edifício existente tenha cumprido durante muitos anos a sua função principal, muito pouco foi feito para adaptar o espaço às novas necessidades que foram surgindo. Originalmente concebida apenas como uma sala de reuniões com instalações sanitárias de apoio à festa, a sede revela atualmente limitações significativas face ao aumento das atividades e ao maior envolvimento da comunidade.

Durante algum tempo, o piso inferior do edifício chegou também a ser utilizado pelos escuteiros da freguesia como sede, funcionando simultaneamente, durante o período da festa, como espaço de apoio às atividades festivas. No entanto, esta utilização acabou por ser abandonada devido às limitações do espaço, particularmente relacionadas com a falta de área disponível e com a inadequação



Figuras 48 e 49. Cartazes de eventos realizados no Montezelo para angariação de fundos para a Romaria Nova.

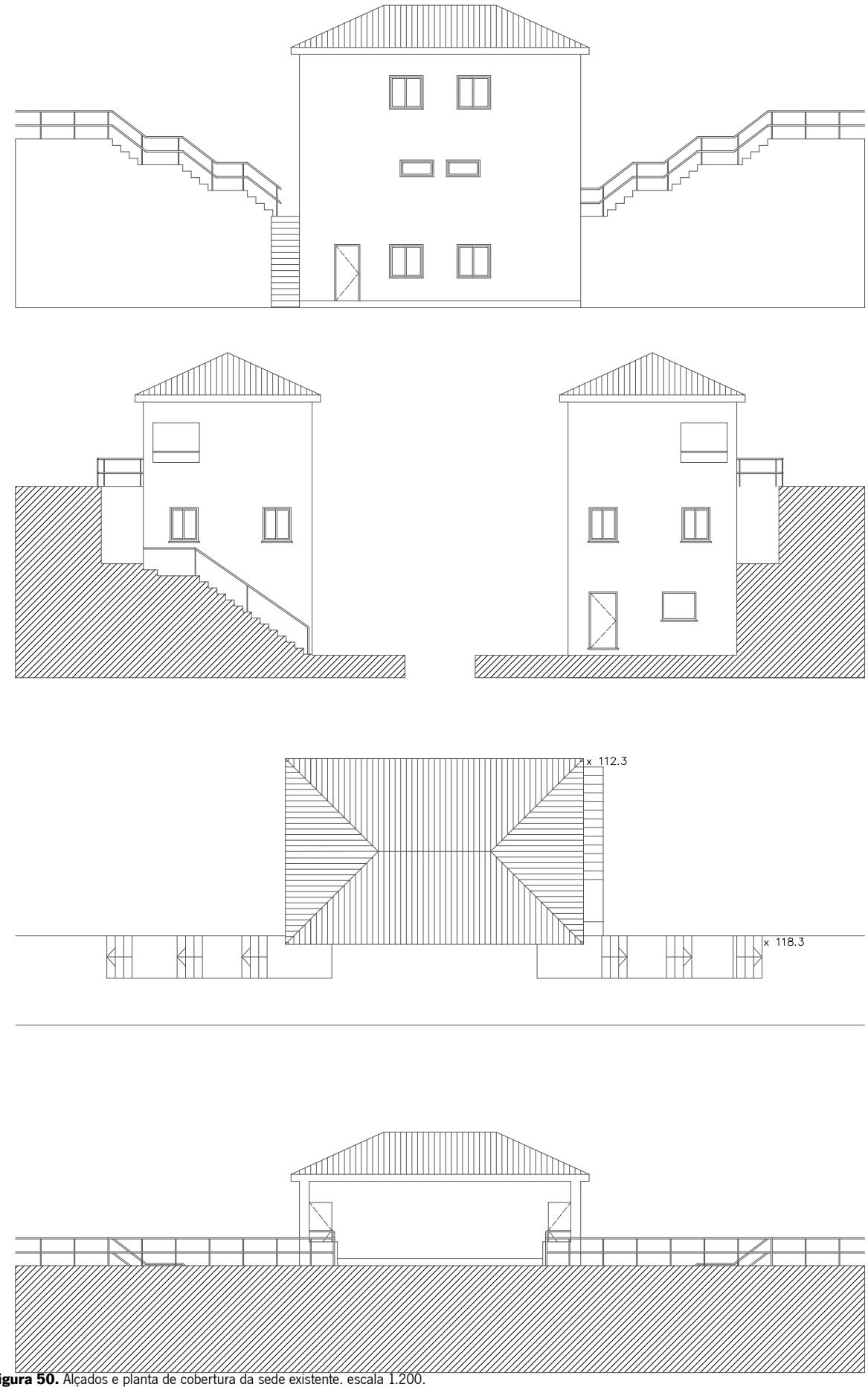


Figura 50. Alçados e planta de cobertura da sede existente. escala 1.200.

das condições existentes para o desenvolvimento das atividades do grupo. Estas limitações evidenciam a necessidade de questionar a adequação do edifício existente, de modo a responder às exigências atuais da comunidade e às diferentes formas de utilização que o espaço foi progressivamente assumindo.



LUGAR E PROGRAMA

ANÁLISE DO PROGRAMA E SUAS LIMITAÇÕES



O edifício que atualmente acolhe a comissão de festas do Montezelo apresenta uma organização espacial desatualizada, não respondendo eficazmente às necessidades da comunidade. A estrutura revela limitações evidentes em termos de acessibilidade, funcionalidade, flexibilidade de uso e estado de conservação.



Para além destas questões, importa também referir a reduzida qualidade espacial e construtiva do edifício. Verificam-se problemas de humidade, uma fraca entrada de luz natural e uma débil articulação entre os espaços interiores e exteriores, fatores que comprometem o conforto e a utilização do conjunto.

A expressão arquitetónica assume ainda um carácter banal, frequentemente associado à arquitetura doméstica, desajustado à natureza pública e coletiva que o edifício deveria representar. Estas condições reforçam a necessidade de uma intervenção mais profunda, que não se limite à resolução de questões funcionais, mas que procure redefinir o papel do edifício no contexto do Montezelo.



- Piso superior – preparação de refeições e arrumos. No entanto, a infraestrutura não dispõe de equipamentos adequados, dificultando a sua funcionalidade.
- Piso intermédio – contém os sanitários, mas a acessibilidade é limitada, pois o único acesso se faz através de escadas, dificultando a utilização por pessoas com mobilidade reduzida e idosos.
- Piso inferior – inicialmente destinado a arrumos, foi adaptado para a sede dos escuteiros. No entanto, a falta de espaço e de condições adequadas impossibilitou a sua permanência, levando-os a mudar de local. Atualmente, o espaço voltou a ser utilizado apenas para arrumos.



Figuras 51 a 55. Levantamento fotográfico do edifício existente.

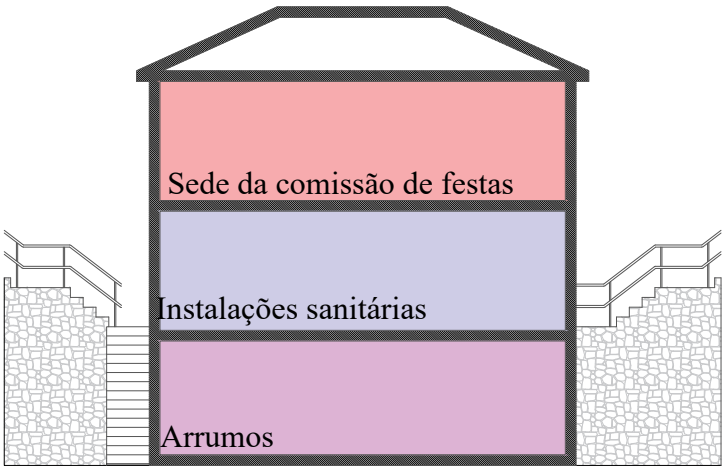


Figura 56. Programa do edifício existente.

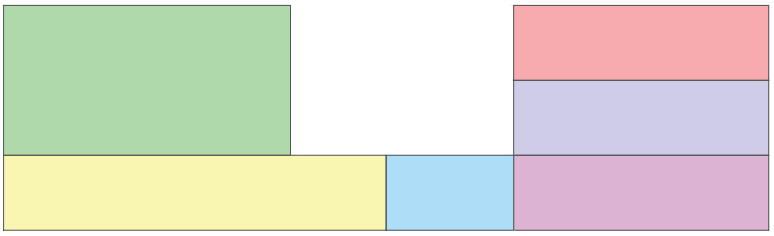


Figura 57. Proposta de programa para o novo edifício.

NOVA PROPOSTA DE PROGRAMA

Os equipamentos de uso coletivo constituem mais do que simples estruturas funcionais, assumindo-se como suportes da vida social e da identidade das comunidades ao longo do tempo. A sua transformação deve, por isso, ser entendida não apenas como uma resposta a necessidades imediatas, mas como uma oportunidade de reforçar a continuidade do seu papel enquanto espaços de encontro, partilha e apropriação coletiva.

No caso do Montezelo, a evolução das dinâmicas comunitárias e a intensificação do uso do espaço evidenciam a necessidade de repensar o edifício existente, não apenas na sua dimensão funcional, mas também enquanto elemento estruturante da vida local. A intervenção proposta procura, assim, reinterpretar este papel, introduzindo um programa mais abrangente e flexível, capaz de responder às exigências contemporâneas e de potenciar uma utilização mais contínua e diversificada ao longo do ano.

A proposta desenvolvida pretende dotar o edifício de uma nova identidade, tornando-o mais funcional, acessível e adaptado às necessidades da comunidade. Assim, o novo programa prevê:

- Sala de reuniões e espaço de arrumos para a comissão de festas, garantindo melhor apoio à organização dos eventos anuais.



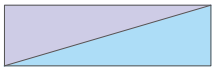
- Espaço polivalente e cozinha, permitindo a utilização do edifício por diferentes grupos e para diversas atividades comunitárias, como escolas e grupos recreativos que frequentemente utilizam o Montezelo para atividades pedagógicas e lúdicas.



- Reintegração dos escuteiros no Montezelo, com uma área dedicada que inclui sala de reuniões, espaço polivalente, área para preparação de refeições e zona de arrumos para armazenamento de material.



- Sanitários e balneários comuns, acessíveis a todos os utilizadores, garantindo conforto e inclusão.



Esta reconfiguração não apenas responde às necessidades dos utilizadores habituais, mas também cria novas oportunidades de uso, tornando o edifício um espaço de apoio à freguesia, adequado para atividades sociais, culturais e educativas.

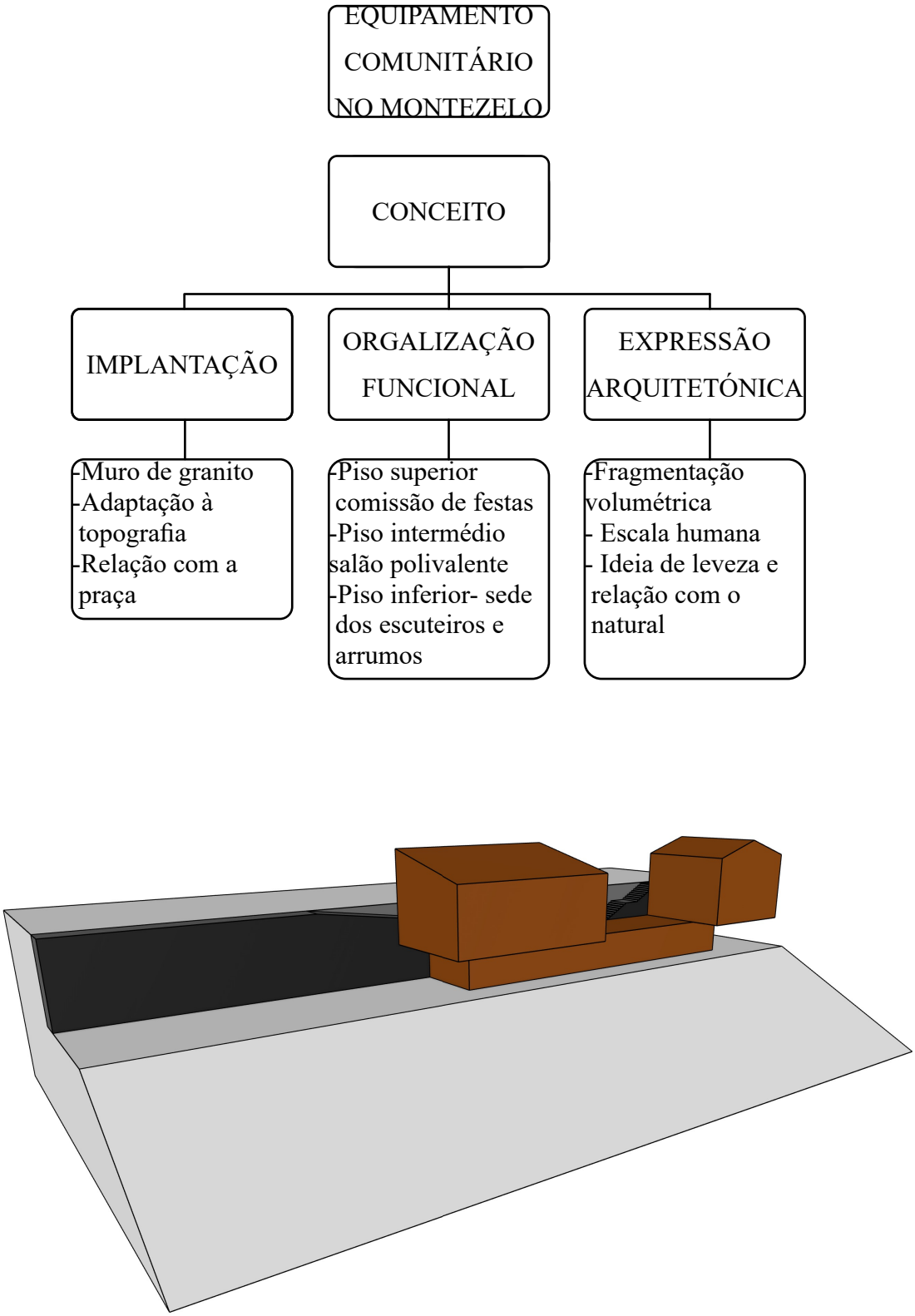


Figura 58. Axonometria da proposta.

PROJETO

CONCEITO

A proposta assenta na definição de um conjunto de opções de projeto que orientam a conceção do edifício. Partindo da criação de um edifício adossado ao muro existente, assumindo as características da implantação pré-existente, propõe-se um edifício que não avança sobre o espaço público existente, desenvolvendo-se num espaço de fronteira entre o chão mineral do alto de Montezelo e o espaço florestal localizado a norte, permitindo interações entre atividades de ar livre e atividades mais reservadas e associativas. Paralelamente, considera-se um edifício que procura uma escala mais doméstica, replicando muitas das volumetrias daquele território, dividindo-se em dois volumes implantados sobre um terceiro volume que se constitui como uma base comum. Propõe-se um edifício construído em madeira a partir de uma matriz estrutural de grande racionalidade. O edifício, pelo sistema construtivo e recurso à madeira, procura retomar e valorizar materiais e técnicas cujo vínculo ao sistema produtivo local, na produção e transformação da madeira, pode ser retomado e incrementado.

A proposta assenta, assim, na criação de um edifício capaz de conciliar identidades distintas, tais como a comissão de festas e os escuteiros, articulando o respeito pela memória construída com uma relação sensível com o território e com o espaço público com que se relaciona. No Montezelo, esta intenção materializa-se num edifício composto por três volumes principais, organizados de forma a responder simultaneamente às exigências programáticas e à relação com o espaço público. Contudo, a partir da praça, a leitura do conjunto sugere a existência de apenas duas peças independentes, resultado da forma como os volumes se articulam e se fragmentam.

Como exemplo de construções isoladas cuja identidade é indissociável dos seus materiais e formas de construir, destaca-se o Museu das Minas de Zinco em Allmannajuvet, de Peter Zumthor. Nesta obra, o edificado não procura assumir-se como protagonista, mas como um elemento discreto que se enquadra na paisagem. A estrutura elevada em madeira sugere uma certa instabilidade e os interiores mais escurecidos, que remetem para uma experiência subterrânea vivida nas galerias mineiras, demonstram como a arquitetura pode atuar como mediadora de uma narrativa territorial, ocupando um papel de tradução sensível do lugar.



Figura 59. Muro visto do nível inferior.



Figura 60. Vista da praça.



Figura 61. Área florestal envolvente a norte.

Apesar da referência ao projeto de Allmannajuvet, o equipamento comunitário proposto para Montezelo distingue-se pela importância e maior complexidade do programa. No caso das minas norueguesas, o objetivo do conjunto é criar um percurso contemplativo, uma experiência sensorial, destinada a ser experienciada de forma lenta e introspetiva, sem necessidade de acomodar grandes fluxos de visitantes. Pelo contrário, o edifício no Montezelo assume-se como um equipamento de uso comunitário direto, inserido num território habitado e estruturado a partir de volumes claramente definidos, exigindo uma resposta pragmática em termos de acessibilidade, versatilidade e capacidade de acolhimento. Se em Allmannajuvet a poética da experiência espacial domina, no Montezelo a funcionalidade torna-se indispensável, sem que isso signifique abdicar da dimensão identitária da arquitetura. Esta análise comparativa permite também refletir sobre as estratégias formais e materiais. Em ambos os casos, a madeira assume especial protagonismo, sendo utilizada como elemento estrutural e de revestimento, estabelecendo uma proximidade com a natureza que confere leveza à intervenção. No entanto, enquanto a obra de Zumthor pode ser entendida como estruturas que surgem camufladas na paisagem florestal, em Montezelo, porém, do lado sul, a madeira contrasta com outros elementos construídos — como o muro de granito e todos os revestimentos da praça — criando uma relação entre o natural e o construído, entre a verticalidade da estrutura de madeira que remete para troncos de árvores e a presença pétrea que relaciona o edifício com uma geologia marcada pela presença de afloramentos graníticos. A própria fragmentação do volume, dois volumes autónomos pousados sobre um terceiro volume, contribui para essa leitura equilibrada entre continuidade e diferenciação. Em Allmannajuvet, a integração faz-se sobretudo pelo diálogo com a topografia, enquanto no Montezelo a estratégia resulta de uma ampliação dos pressupostos da construção pré-existente. Também o tratamento do espaço interior difere significativamente: os interiores mais escuros e introspetivos de Zumthor reforçam a atmosfera mineira e valorizam os documentos e objetos expostos, ao passo que no edifício comunitário proposto a luminosidade, a clareza dos percursos e a adaptabilidade dos espaços são essenciais para garantir um funcionamento adequado às necessidades da comunidade, refletindo a lógica funcional associada à organização dos volumes.



Figura 62. Mapa do percurso da exposição das minas.



Figura 63. Minas de Zinco (2016), Peter Zumthor.

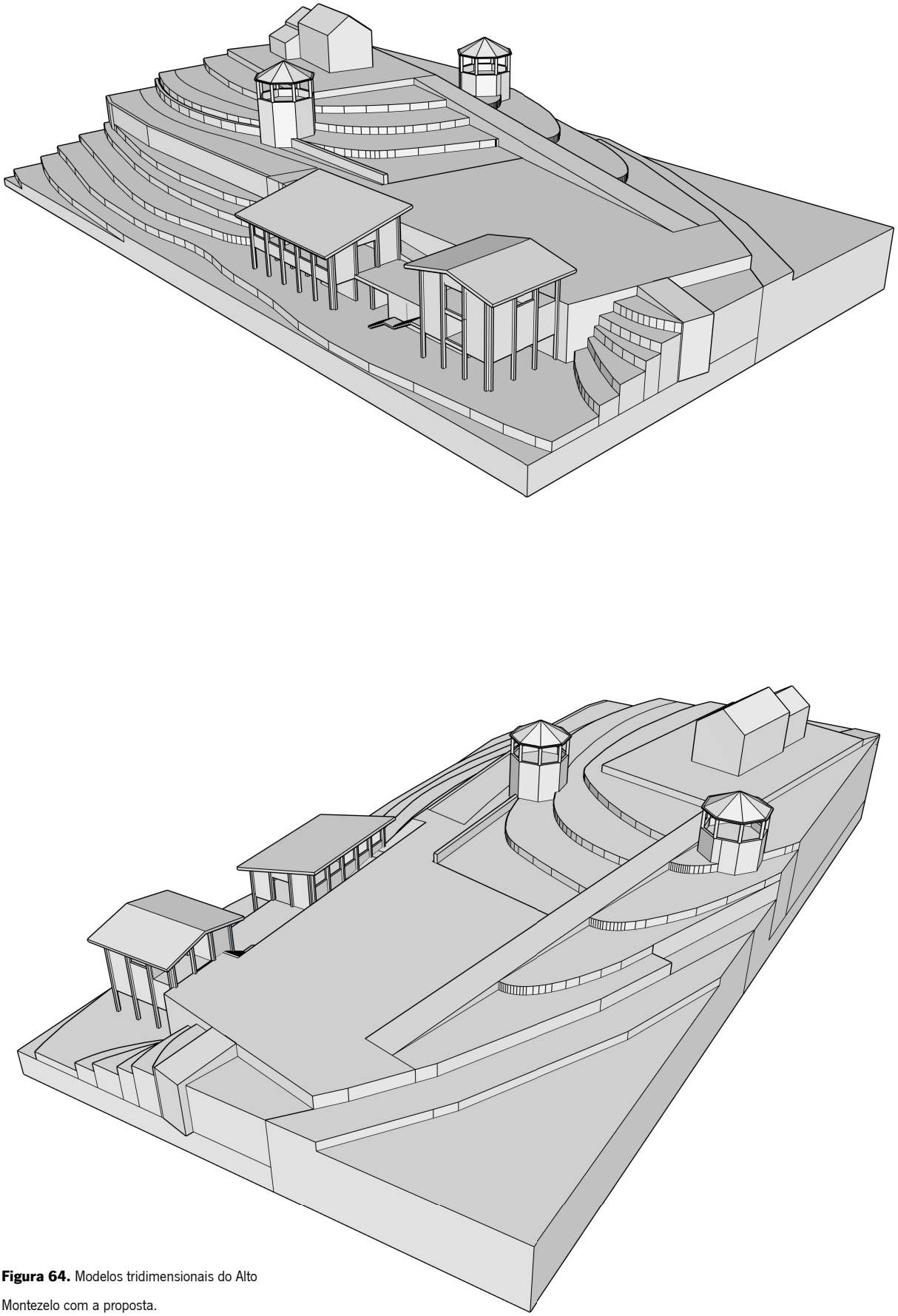


Figura 64. Modelos tridimensionais do Alto Montezelo com a proposta.

Para além da obra de Peter Zumthor, a proposta desenvolvida tem por base outras referências. No projeto do Civic Center de ACAU Architectes, destacou-se a racionalidade estrutural e o ritmo da fachada como elemento inspirador. A regularidade dos vãos e a leitura modular do alçado ofereceram um ponto de partida para pensar a composição exterior do Centro Comunitário do Montezelo (CCM), permitindo estruturar fachadas que, apesar da divisão volumétrica, mantêm uma coerência formal. Este ritmo — que equilibra repetição, verticalidade e variação subtil — tornou-se uma ferramenta conceptual para organizar a expressão do conjunto e marcar a sua presença no espaço público, particularmente na relação com a praça.



Figura 65. CIVI CENTER (2024), Auxi-le-Château; França, ACAU ARCHITECTS.

Por sua vez, o Parish Community Centre de Lidečko, do Studio AEIOU, revelou-se uma referência relevante devido à semelhança entre os dois programas. A forma como o edifício organiza um salão comunitário polivalente, áreas de apoio e espaços exteriores de convívio identifica-se com o CCM, onde os diferentes volumes permitem separar e articular usos distintos. O propósito e a função dos dois equipamentos aproximam-se de modo significativo: ambos procuram servir a comunidade de forma flexível, acolher atividades diversas e reforçar o papel social do edifício no quotidiano das populações.

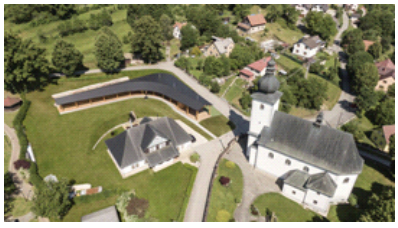


Figura 66. Parish Community Center(2021), Lidečko; Chéquia, Studio AEIOU.

Finalmente, o projeto Headquarters and Field Space – Mogos Scout School, de Cossement-Cardoso, contribuiu sobretudo para a definição de ideias programáticas associadas à área da sede de escuteiros. A forma como este projeto parte de um programa simples e até ambíguo permitiu compreender modos de funcionamento e respostas espaciais adequadas a este tipo de utilização. Esta influência ajudou a consolidar a articulação entre o programa comunitário e o programa juvenil-associativo do CCM, reforçando a lógica de divisão volumétrica como estratégia para acomodar usos distintos dentro de um mesmo conjunto arquitetónico.



Figura 67. Headquarters and Field Space – Mogos Scout School(2023), Vialonga; Portugal, Cossement-Cardoso.

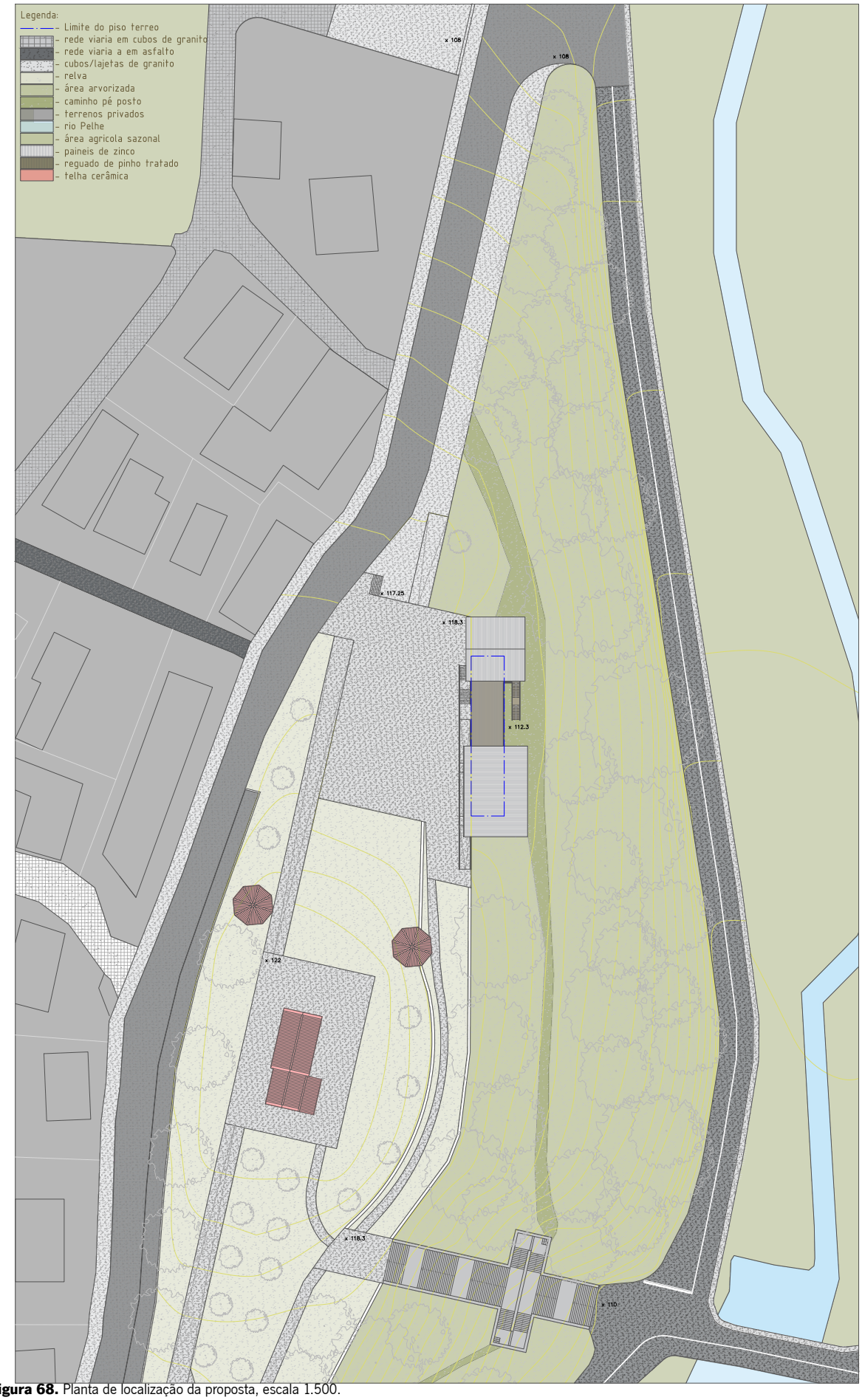


Figura 68. Planta de localização da proposta, escala 1.500.

IMPLANTAÇÃO

Na implantação do novo equipamento manteve-se a opção por manter os pressupostos da antiga sede. O novo edifício implanta-se ao longo do muro, articulando as duas cotas. O CCM é o elemento unificador entre os dois níveis que se encontram sensivelmente a 6 metros de diferença altimétrica. Implantado ao longo do muro e no lado norte do monte, o edifício insere-se num contexto onde o controlo da exposição solar é assegurado pela proximidade ao arvoredo existente e pela própria presença do muro, particularmente nos pisos inferiores. Simultaneamente, a configuração da cobertura, através do seu avanço, contribui para um controlo mais rigoroso da incidência solar, permitindo equilibrar a entrada de luz natural com as condições de conforto no interior. A implantação proposta reduz significativamente o impacto visual do volume na paisagem, sobretudo quando observado a partir do nível da praça do Montezelo, onde parte do programa se encontra propositadamente "escondido", garantindo uma presença discreta e contida.

A articulação entre os diferentes níveis é assegurada por percursos acessíveis e contínuos, através de escadas, rampas e elevador, reforçando a vocação inclusiva e comunitária do edifício.

Esta abordagem encontra um paralelo com o conjunto das Minas de Zinco de Allmannajuvet, de Peter Zumthor, cuja implantação é igualmente condicionada pela topografia. Nesse caso, o programa eleva-se, suportado por uma estrutura de madeira, evitando cortes agressivos no terreno e permitindo que a arquitetura se instale quase como um corpo suspenso, acompanhando a morfologia natural da encosta. A implantação resulta de uma negociação direta com o declive: Zumthor não procura dominar o terreno, mas antes pousar sobre ele, criando percursos que serpenteiam a montanha e valorizam a experiência física do desnível.

Em Allmannajuvet, a implantação ao longo do declive serve sobretudo para construir uma narrativa experiencial, em que o visitante percorre o terreno, subindo e descendo, percebendo fisicamente a dureza e a fragilidade da paisagem mineira. A arquitetura funciona como uma extensão do percurso, assumindo-se quase como um conjunto de miradouros e abrigos que intensificam o carácter sensorial do lugar. No CCM, por outro lado, embora a topografia seja também um elemento estruturante, o objetivo central não é coreografar uma experiência contemplativa, mas assegurar funcionalidade e conforto para a comunidade. A decisão de ocultar

Figura 69 e 70. Alçados lado sul pelos acessos e pela praça, escala 1.100.

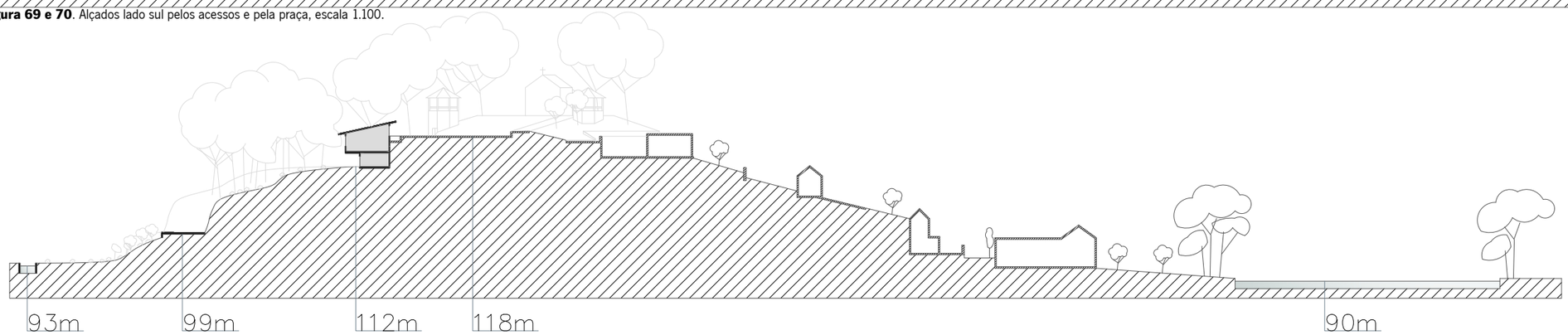


Figura 71. Corte longitudinal escala 1.1000

parcialmente o programa não tem como objetivo dramatizar o desnível, mas antes suavizar a presença do edifício, controlar alturas, reduzir a volumetria aparente e reforçar o diálogo com o muro de granito existente e com a praça em frente. A orientação a norte e a cobertura arbórea densa tornam, por isso, fundamental a captação máxima de luz natural proveniente de sul, trabalhada através da organização dos volumes, da abertura de vãos e da clareza dos espaços interiores. A implantação no terreno não cria contraste, mas pertença; não impõe uma forma, mas responde às condições específicas do lugar.

A topografia, apesar de relevante, não limita o uso: molda-o de forma subtil, reforçando a relação entre interior e exterior e contribuindo para que o edifício se assuma como uma extensão natural do terreno.

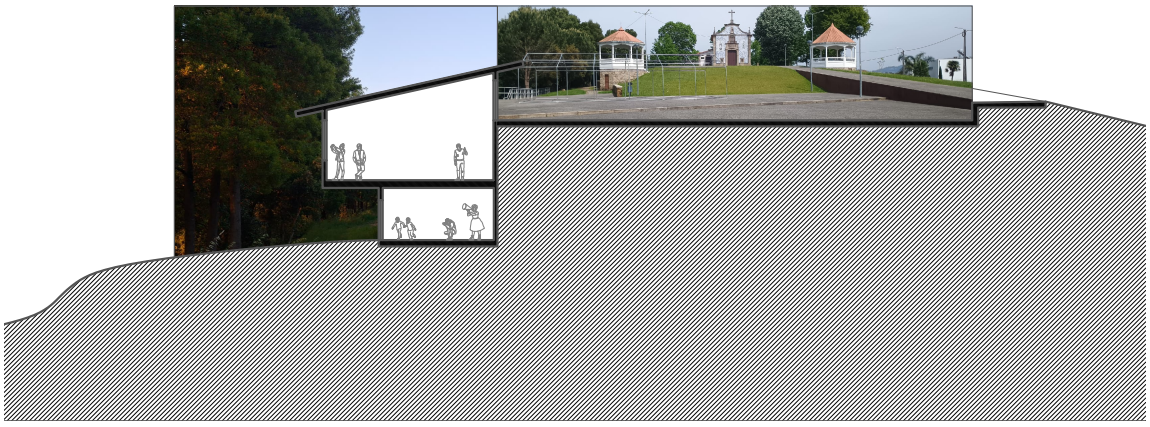
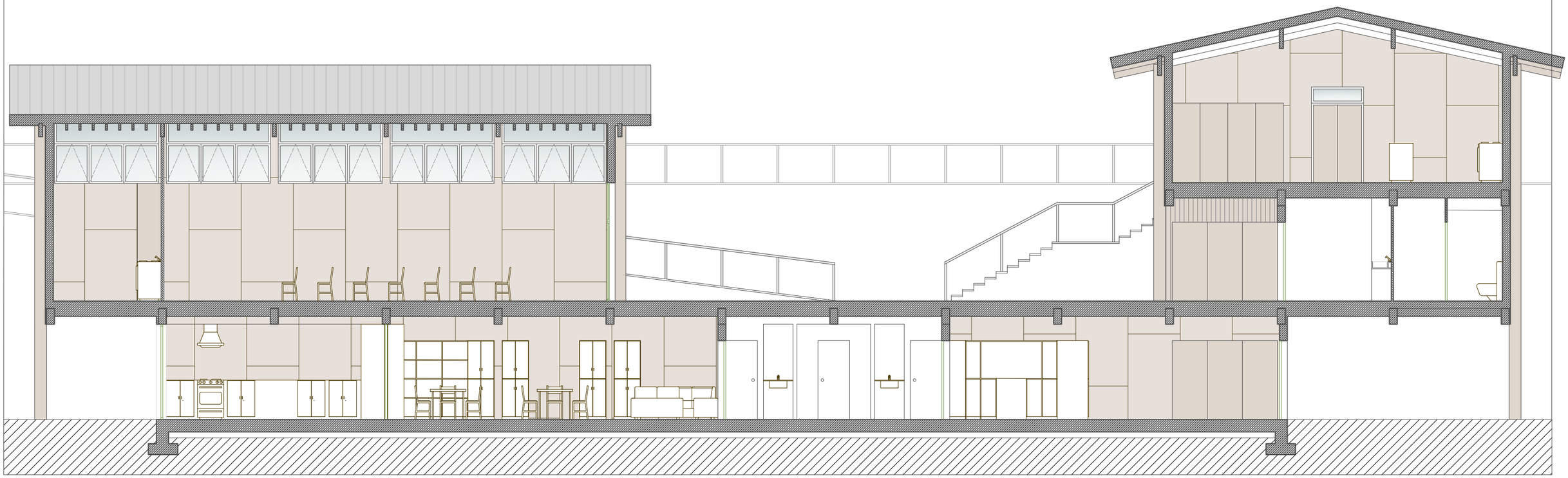
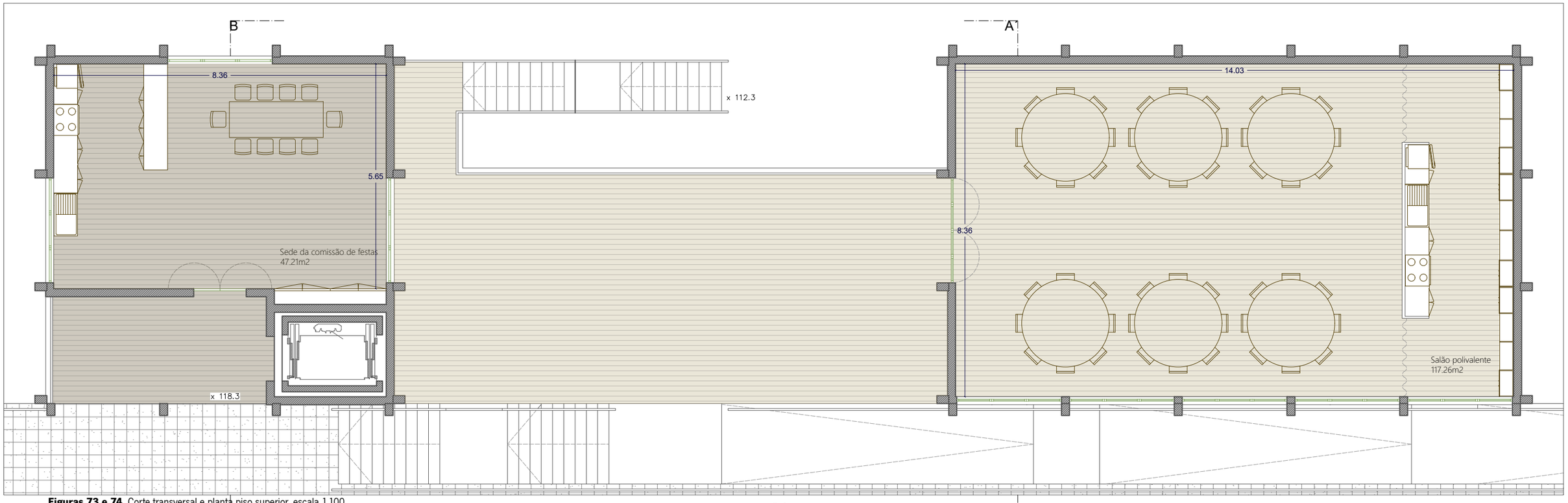


Figura 72. Fotomontagem Proposta.





Figuras 73 e 74. Corte transversal e planta piso superior, escala 1.100.

ORAGANIZAÇÃO FUNCIONAL

O CCM estrutura-se em três volumes e três níveis, cada um deles com uma função clara, correspondentes à sede da comissão de festas, ao salão polivalente e à sede dos escuteiros, numa organização funcional que procura reforçar as relações entre entidades e o espaço envolvente. Para fundamentar esta abordagem, dois projetos mostraram-se de particular relevância: o Parish Community Center de Lidečko, na República Checa, cuja intervenção combina reabilitação e construção nova com forte vocação comunitária; e o Headquarters and Field Space – Mogos Scout School, em Vialonga, onde a requalificação de uma ruína e a criação de um novo volume em madeira resultam num espaço flexível adaptado à atividade escutista. A análise destes dois casos permite compreender melhor a lógica programática do CCM, bem como a pertinência das opções adotadas na definição dos seus espaços. O edifício de Lidečko distingue-se pela forma como o novo volume se integra num conjunto pré-existente de forte densidade histórica.

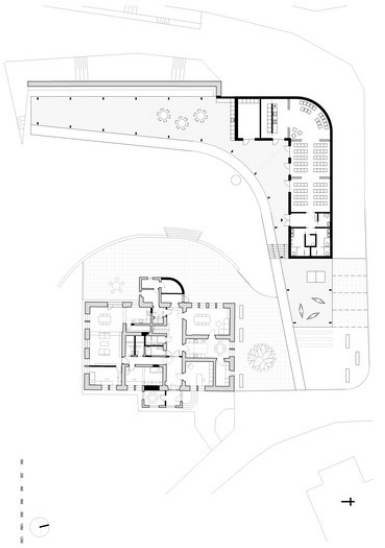


Figura 75. Parish Community Center(2021), Lidečko; Chéquia, Studio AEIOU.



Figura 76. Parish Community Center(2021), Lidečko; Chéquia, Studio AEIOU.

A opção por uma materialidade e forma de construir capaz de recuperar circuitos de produção e transformação da madeira locais estabelece uma continuidade simbólica e tectónica com o contexto, ao mesmo tempo que suporta soluções contemporâneas para criar espaços flexíveis. O salão polivalente, enquanto núcleo funcional do projeto, é concebido como um espaço aberto e adaptável a múltiplos usos, apoiado por áreas técnicas discretamente integradas, permitindo uma apropriação variada sem comprometer a clareza formal do edifício. A forma como este espaço se relaciona diretamente com o exterior e com os percursos que o atravessam evidencia uma preocupação em alargar o papel do equipamento para além do uso estritamente programático, reforçando a sua dimensão pública.



Figura 77. Headquarters and Field Space – Mogos Scout School(2023), Vialonga; Portugal, Cossement-Cardoso.



Figura 78. Headquarters and Field Space – Mogos Scout School(2023), Vialonga; Portugal, Cossement-Cardoso.

Esta abordagem, baseada na flexibilidade, na continuidade espacial e na valorização do uso comunitário, revela princípios que se mostram particularmente relevantes em contextos onde a arquitetura é chamada a reconfigurar edifícios ou conjuntos existentes, ampliando o seu papel público sem romper com a memória do lugar. O projeto Headquarters and Field Space – Mogos Scout School, assinado pelo atelier Cossement-Cardoso, constitui uma intervenção

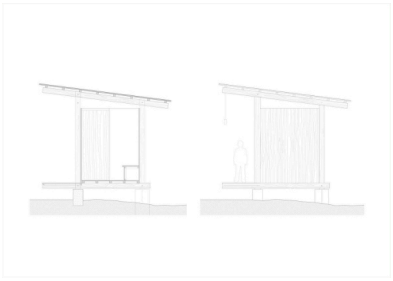


Figuras 79 e 80. Planta piso intermédio e planta piso térreo, escala 1.100.

que combina a reabilitação de uma ruína existente com a adição de um volume autónomo destinado a balneários, estabelecendo uma composição que responde às exigências programáticas do lugar de forma direta e económica. A proposta de reabilitação concentra-se em tornar o interior do edifício preservado o mais versátil possível, privilegiando estratégias de projeto simples e de fácil implementação que garantam condições de salubridade e funcionalidade em concordância com o orçamento disponível, enquanto respeitam a configuração volumétrica original.

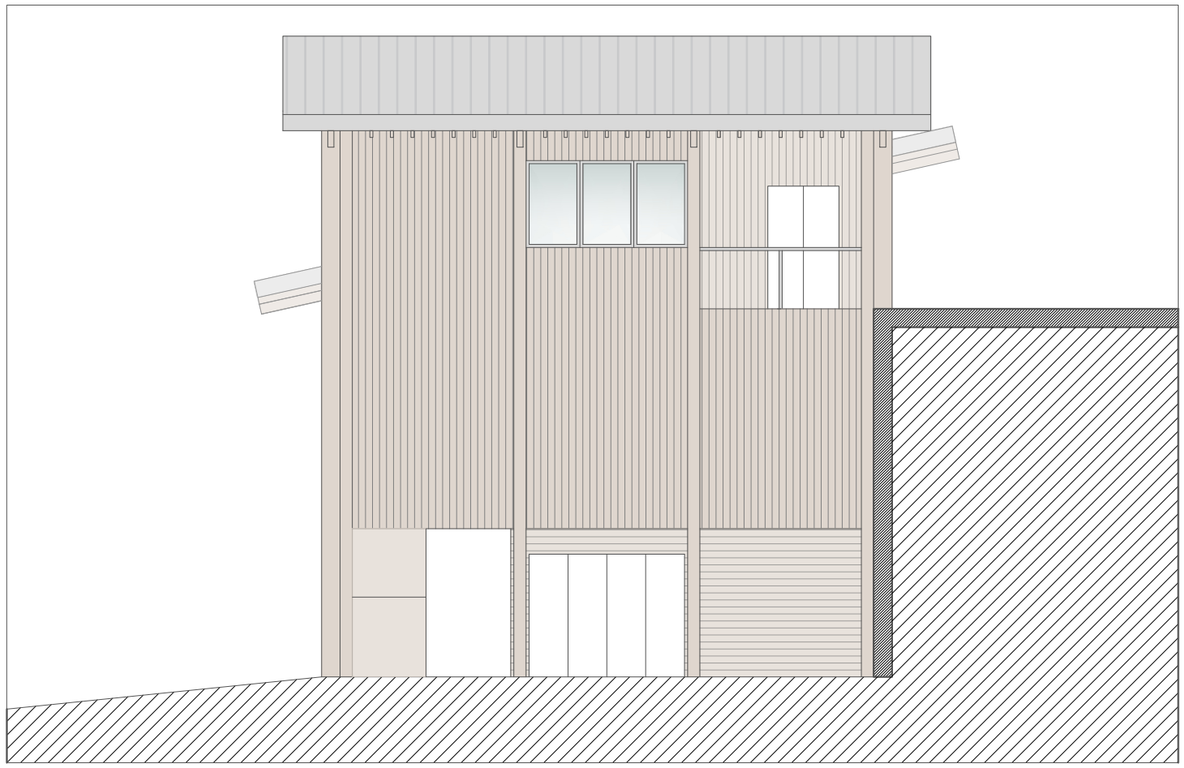
No CCM, o piso superior, implantado ao nível da praça principal, acolhe a sede da Comissão de Festas, estabelecendo uma relação direta com o espaço público e assumindo um papel dinamizador das atividades comunitárias, numa lógica próxima da mediação entre edifício e espaço coletivo observada em Lidečko. A fachada frontal encontra-se recuada em relação à praça, permitindo que a cobertura se projete para a frente e crie uma área exterior coberta de transição antes do acesso ao interior, reforçando a relação entre espaço público e edifício. Este nível organiza-se como um espaço amplo, de programa simples e contido, concentrando áreas de reunião, apoio, arrumação e uma pequena cozinha, assegurando o funcionamento regular da entidade e o suporte logístico necessário aos eventos locais. A iluminação natural é garantida através de janelas nas restantes três fachadas, recebendo mais luz natural ao longo do dia.

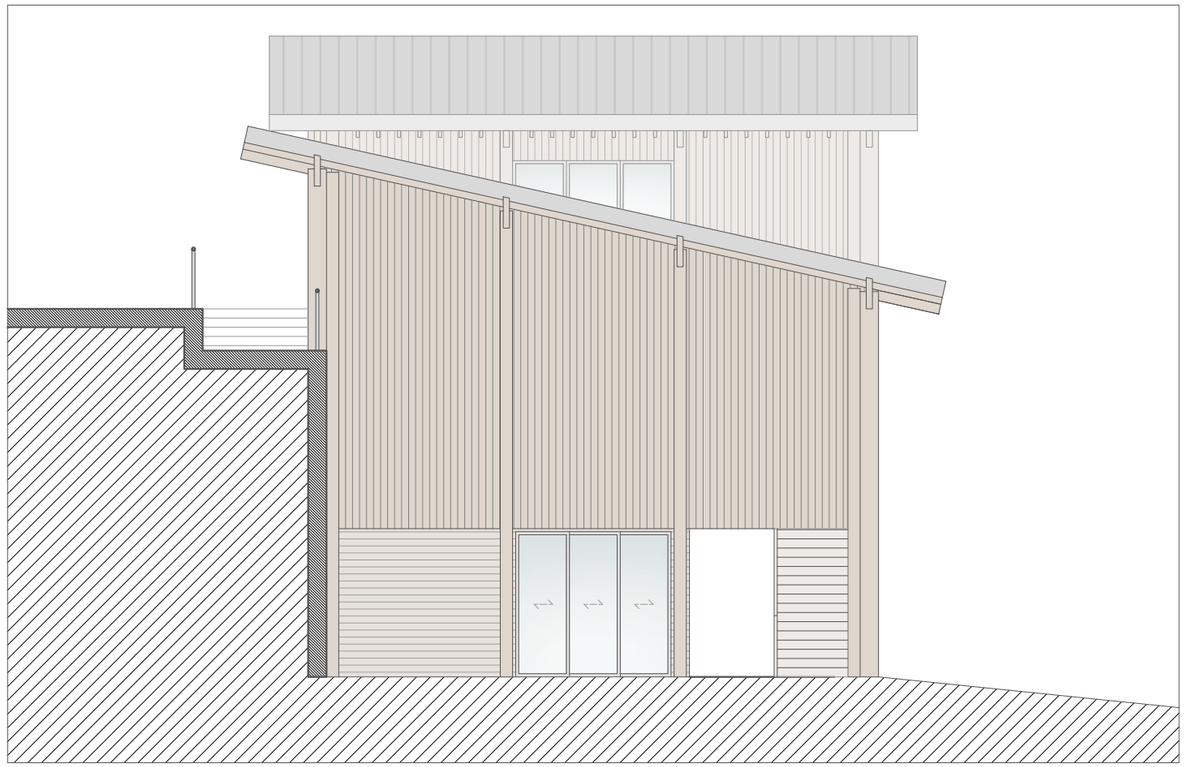
O piso intermédio constitui o núcleo comunitário do edifício, onde o salão polivalente, com uma dimensão aproximada de 9 metros por 15 metros, afirma-se como um espaço flexível capaz de acolher diversos tipos de atividades, desde encontros públicos a iniciativas culturais e equipado com um espaço dedicado à logística e preparação de refeições, assegurando a eficiência funcional e a adaptabilidade do conjunto. O espaço beneficia de dois grandes vãos que asseguram uma boa luminosidade, reforçada pela configuração da cobertura com inclinação para norte, que permite elevar ligeiramente a fachada voltada à praça acima do seu nível e possibilitar a entrada de luz solar direta a partir de sul. O acesso ao salão é efetuado através de um pátio exterior de dimensão equivalente à do espaço interior, reforçando a continuidade entre interior e exterior, à semelhança das estratégias espaciais identificadas nos casos de referência. No lado oposto ao pátio

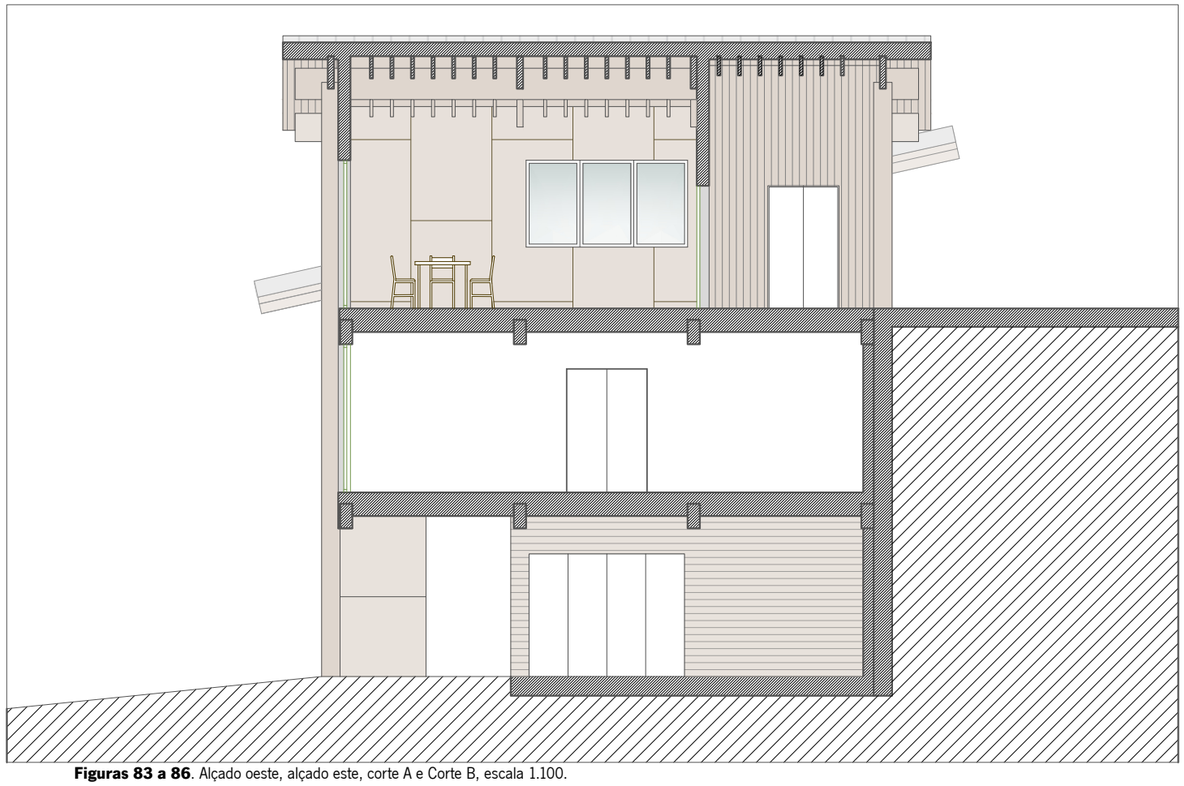


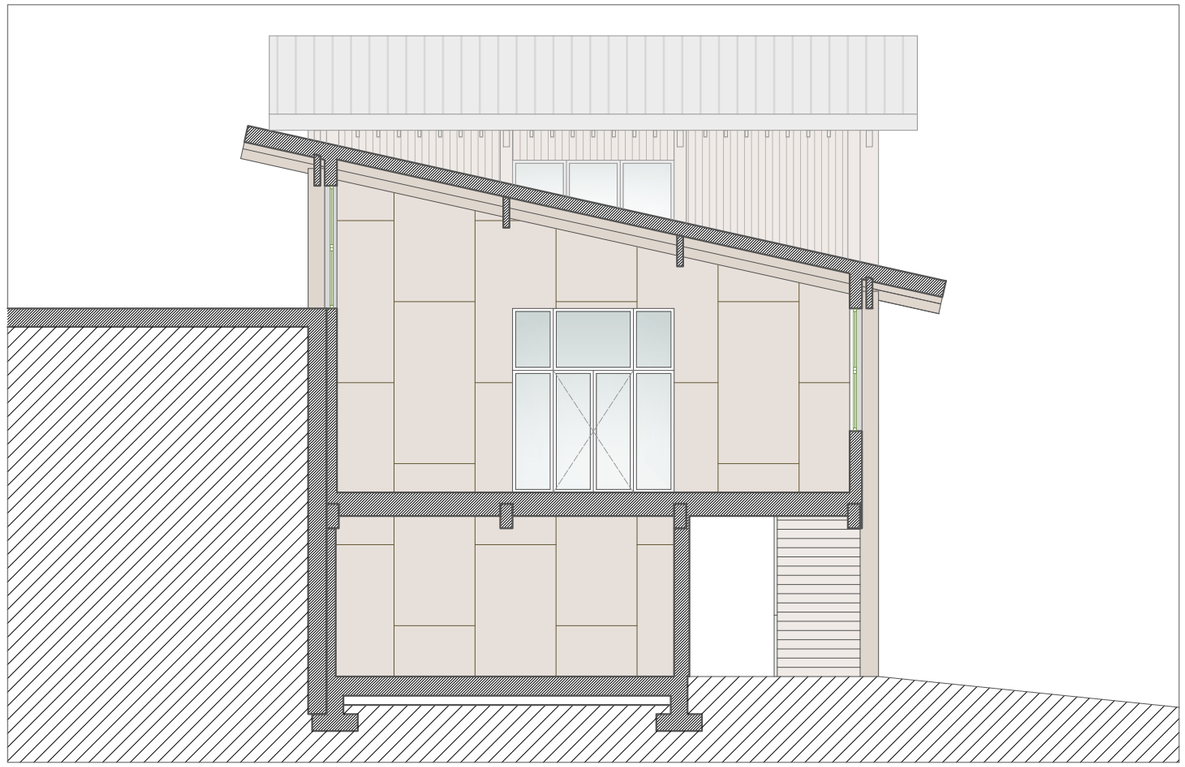


Figuras 81 e 82.
Headquarters and Field Space – Mogos Scout School(2023), Vialonga; Portugal, Cossement-Cardoso.





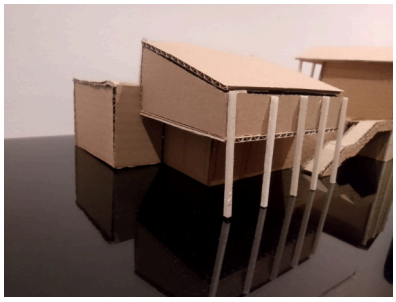


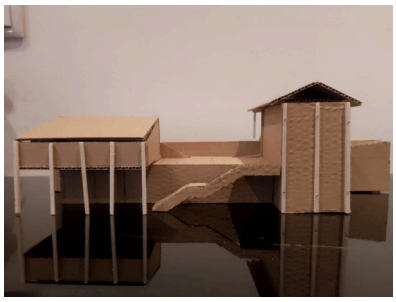


Figuras 83 a 86. Alçado oeste, alçado este, corte A e Corte B, escala 1.100.

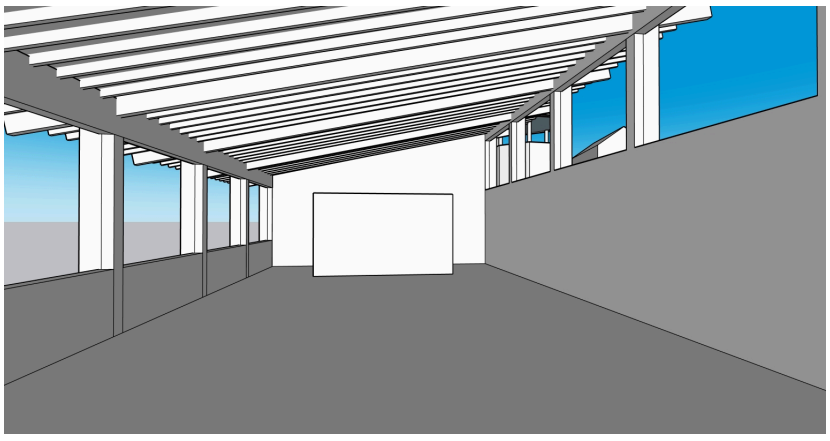
localizam-se as instalações sanitárias, incluindo equipamentos adaptados a pessoas com mobilidade reduzida, bem como uma pequena sala de arrumos destinada ao armazenamento de mobiliário não utilizado no salão.

O piso inferior, parte está destinado à sede dos escuteiros, assumindo um carácter mais reservado e funcional, organizado segundo uma configuração longitudinal com cerca de 14 metros de comprimento por 5,5 metros de largura. Apesar de não receber grande incidência de luz solar direta, o espaço beneficia de múltiplas entradas de luz natural, garantindo condições adequadas de conforto e utilização. A organização interna é pensada de forma adaptável e passível de compartimentação, permitindo a secção do programa conforme as necessidades, sendo possível separar em cozinha, 2 salas de reunião e um espaço de convívio. A sede dos escuteiros localiza-se diretamente sob o salão principal, o que lhe confere uma área exterior coberta de uso protegido. As instalações sanitárias, diretamente acessíveis tanto a partir da sede de escuteiros como do exterior, incluem duas casas de banho e quatro divisórias de chuveiros individuais, numa abordagem que encontra paralelismos com a organização funcional e a economia de meios do projeto da Mogos Scout School. O edifício é complementado por uma área de arrumos com acesso direto a viaturas para utilização tanto dos escuteiros como da comissão de festas, facilitando o apoio a atividades logísticas. A articulação entre os três níveis reforça a continuidade espacial do edifício e assegura percursos acessíveis, consolidando o edifício como infraestrutura comunitária capaz de acomodar diferentes usos, entidades e graus de apropriação ao longo do tempo.





Figuras 87 e 88. Maquete de estudo da Proposta.



Figuras 89. Prespetiva do interior do salão polivalente.

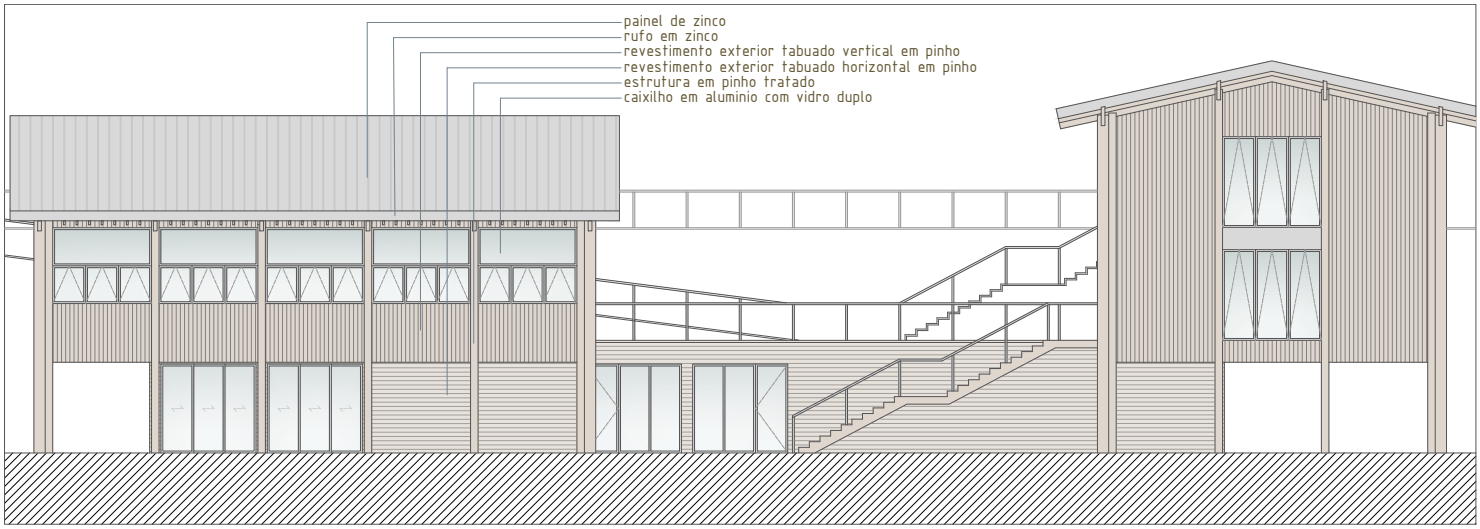


Figura 90. Alçado norte com legenda dos materiais de revestimento. 1.200.

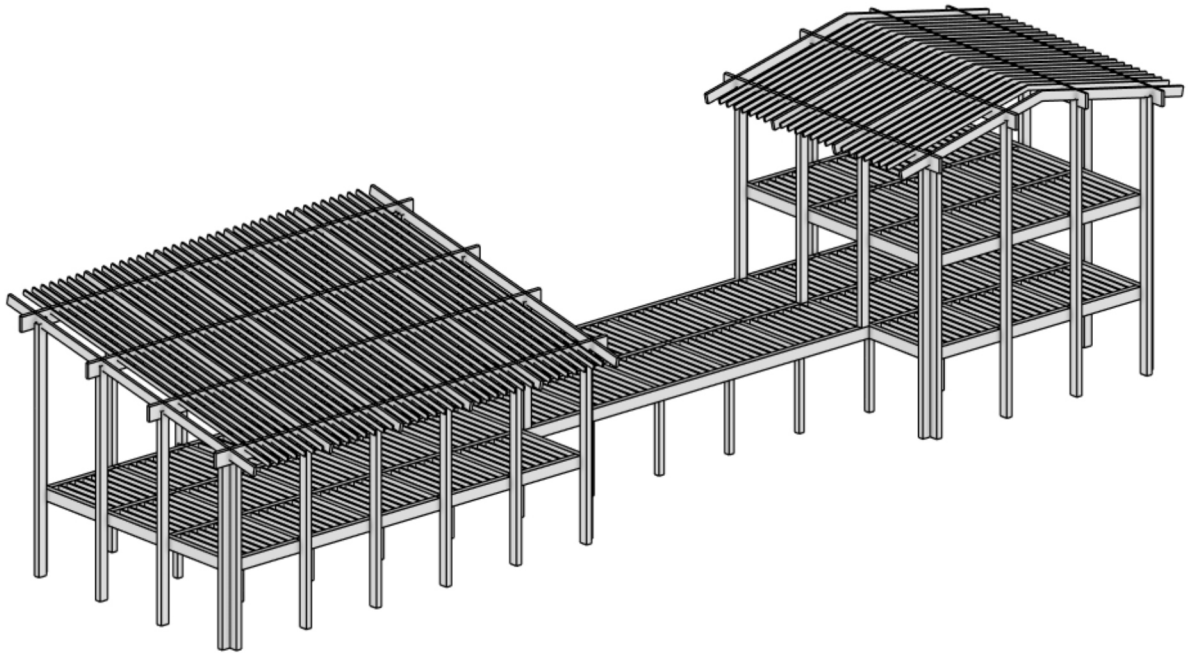


Figura 91. Axonometria da estrutrura da proposta.

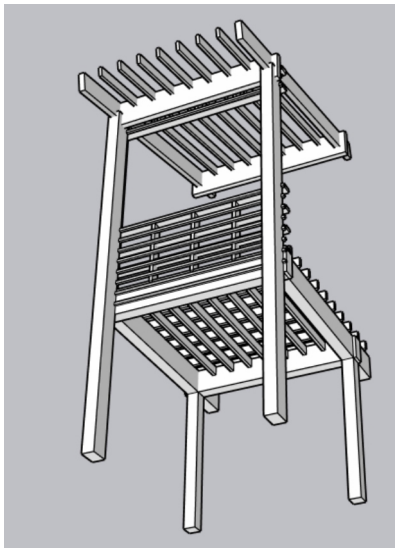
EXPRESSÃO ARQUITETÓNICA

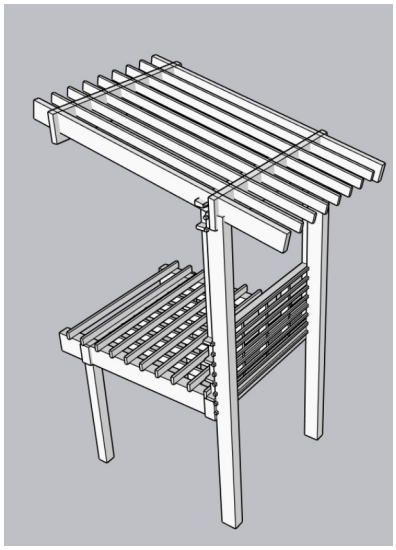


Figura 92. CIVI CENTER (2024), Auxi-le-Château; França, ACAU ARCHITECTS.

A expressão do edifício é fortemente marcada pela estrutura em madeira de pinho tratado, que assume simultaneamente uma função construtiva e simbólica. A opção por este material traduz a intenção de transmitir leveza e integração com o meio natural, reforçando o diálogo entre a construção e o contexto envolvente. Esta abordagem encontra paralelo não só no Civic Center do ACAU Architectes, onde a madeira estrutura e caracteriza a ampliação contemporânea em relação ao edifício existente, mas também no projeto das Minas de Zinco, onde a articulação entre estruturas leves em madeira e elementos naturais existentes evidencia uma reflexão sobre a relação entre materialidade, memória e território.

No exterior, a estrutura organiza-se através de uma trama de pilares de madeira que definem o ritmo espacial e tornam explícita a lógica tectónica do edifício. A elevada densidade desta malha estrutural resulta da opção por um sistema constituído por elementos de menor secção e reduzido afastamento entre apoios. Esta solução permite recorrer a peças de madeira mais correntes e facilmente disponíveis no contexto regional, aproximando a proposta dos recursos existentes e das possibilidades construtivas do território. Em contrapartida, a utilização de elementos de maiores dimensões implicaria o recurso a madeira com tempos de crescimento superiores e proveniências distintas, associadas a uma maior exigência material e económica. Esta leitura expressiva aproxima-se da do Civic Center, cujo sistema de pilares e vigas em madeira revela a organização funcional e volumétrica, bem como da solução presente nas Minas de Zinco, onde as novas adições assumem uma clareza estrutural que contrasta com as preexistências.

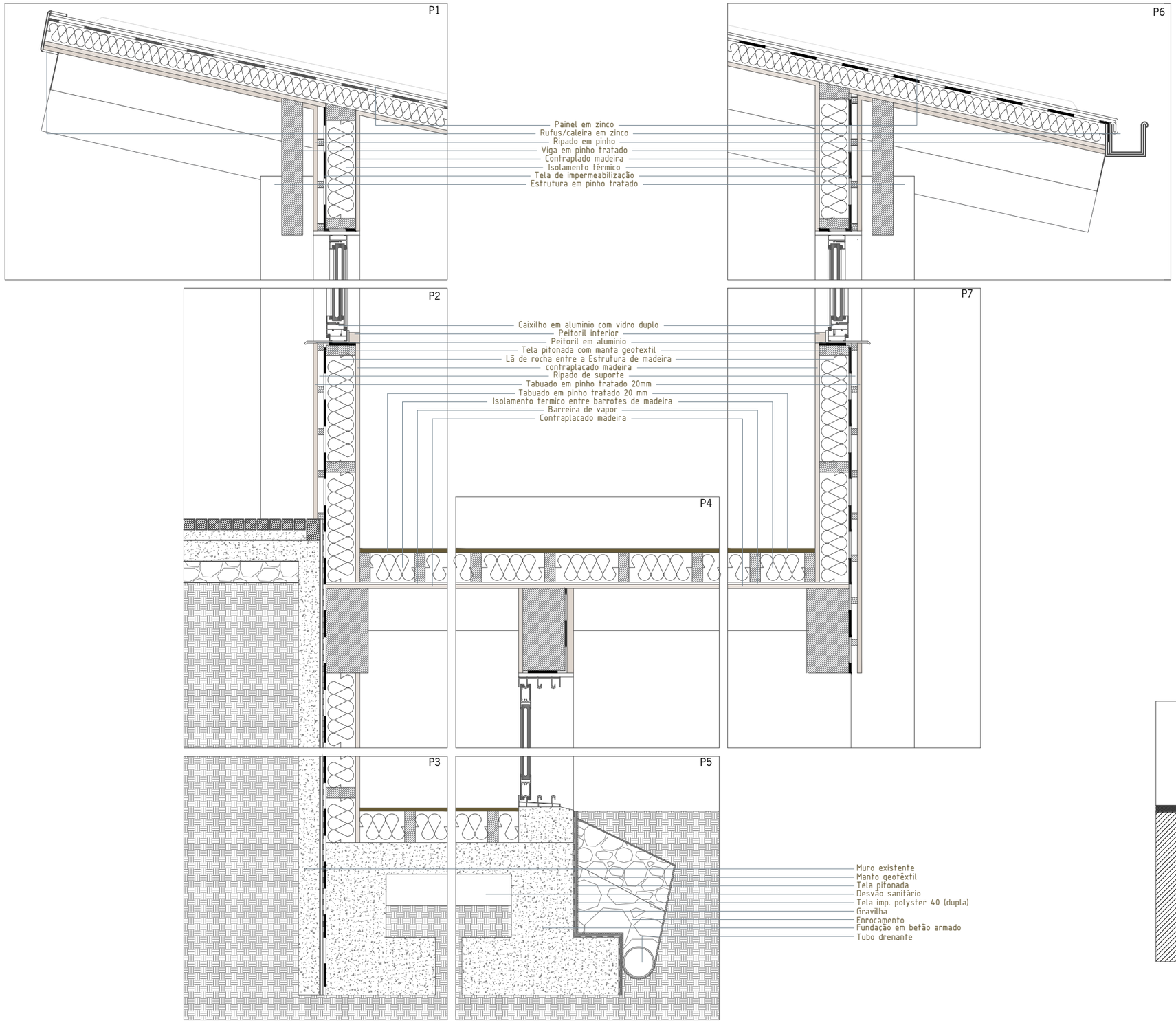




Figuras 93 e 94. modelo tridimensional da estrutura em madeira do inteirior das parede e piso intermedio.

Nos pisos superiores, os volumes articulam-se entre apoios pontuais em pilares e o embasamento constituído pelo bloco do piso térreo. Esta solução reduz a perceção da massa edificada e acentua a sensação de leveza dos corpos suspensos. Tal como na intervenção das Minas de Zinco, onde a elevação de determinados volumes procura minimizar o impacto sobre o terreno e preservar a leitura histórica do lugar, esta estratégia reforça a relação visual com a paisagem e permite que o edifício se afirme como um elemento intermédio entre o terreno e a envolvente natural.

A leitura volumétrica é complementada pelo tratamento diferenciado das fachadas: no piso térreo, o tabuado horizontal em madeira acentua a vinculação ao terreno e à ideia de continuidade; nos pisos



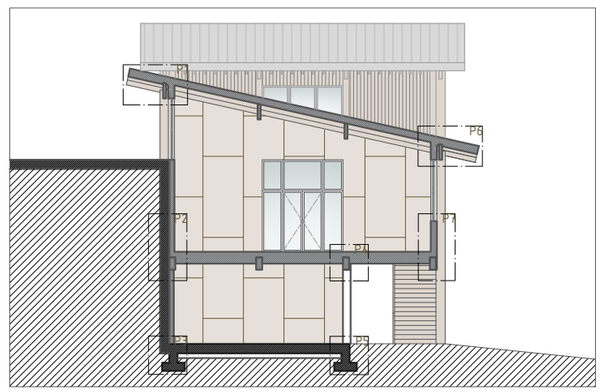


Figura 95. Pormenor construtivo, escala 1.20.

superiores, o tabuado vertical evoca o crescimento das árvores e o prolongamento da estrutura até à cobertura, estratégia comparável à verticalidade expressiva presente no Civic Center, que enfatiza a elevação e a permeabilidade visual das adições em madeira. Este jogo entre direções — horizontal junto ao solo, vertical no alçado — reforça a ideia de um edifício que negoceia constantemente entre o enraizamento e a leveza, entre a memória construída e a paisagem natural. À semelhança do que se identificou no Civic Center e nas Minas de Zinco, esta relação entre material, estrutura e contexto é usada para construir identidade; na proposta, desempenha um papel equivalente, conciliando a presença do muro de granito com a nova intervenção em madeira.

Assim, a madeira não se apresenta apenas como elemento construtivo, mas como matéria principal de uma identidade arquitetónica com referências às estruturas naturais e às estruturas construídas. Em diálogo explícito com o Civic Center do ACAU Architectes e com as Minas de Zinco, a intervenção no CCM procura uma síntese entre a valorização das preexistências e a expressão tectónica da nova arquitetura.

A solução construtiva em madeira reforça a integração do edifício na envolvente florestal e estabelece uma relação mais próxima com a massa arbórea existente. As paredes exteriores são revestidas com um tabuado de pinho tratado, cuja direção varia consoante o volume que reveste, permitindo distinguir os diferentes corpos construídos. No interior, os paramentos são revestidos com painéis de contraplacado, sendo ambos os sistemas assentes sobre uma subestrutura de madeira devidamente isolada e impermeabilizada, contribuindo para a resistência e desempenho global do sistema construtivo. O volume que constitui a base do edifício apresenta uma estrutura pontual de betão armado, garantindo o contacto com o terreno e proporcionando uma base mais sólida e estável.

A globalidade dos paramentos e lajes apresenta-se devidamente isolada, assegurando maior eficiência energética e conforto térmico no interior. No interior, o revestimento é realizado em contraplacado de madeira, conferindo maior simplicidade ao espaço e facilitando a sua organização e leitura. Os vãos são constituídos por caixilharia em alumínio com vidro duplo, garantindo um melhor isolamento térmico.

EPÍLOGO

A proposta para o Centro Comunitário de Montezelo parte da necessidade de contribuir para a valorização de espaços centrais da freguesia de Lousado que, na atualidade, têm um uso muito excecional. As centralidades do quotidiano, nas quais se localiza comércio e escolas, acabaram por se dissociar deste território. Um território localizado entre duas linhas de água, que se apresenta como um promontório de exceção. Um território com um abundante espaço público, alguns equipamentos e uma relação com a paisagem do Ave que interessou valorizar. Um território com excelentes condições para ganhar um papel relevante nas dinâmicas associativas e comunitárias da freguesia. Para o cumprimento deste objetivo, o edifício existente no local revelou-se desadequado, justificando-se a criação de um novo equipamento mais ajustado à realidade da freguesia.

O Centro Comunitário de Montezelo procura dar continuidade ao papel de Montezelo enquanto lugar de encontro, destacando-se por ser um edifício capaz de acolher diferentes usos e utilizadores ao longo do ano. A introdução de um programa mais completo e flexível — com espaços para a comissão de festas, um espaço polivalente e a sede dos escuteiros — permite reforçar a dimensão pública do conjunto e ampliar a sua utilização.

Do ponto de vista arquitetónico, o projeto estabelece uma relação entre a materialidade predominantemente de granito das construções mais recentes e os maciços arbóreos existentes na proximidade, sendo a construção em madeira um contributo para a sua integração na paisagem, tanto do ponto de vista visual e material, como do ponto de vista do seu sistema construtivo e económico. A opção por um edifício que se organiza em três volumes com funções distintas, contribui para um diálogo com as escalas do edificado existente na envolvente.

No entanto, o edifício não se apresenta como um objeto isolado, mas como parte de um sistema mais amplo, articulado com o muro e com o espaço público envolvente. Mais do que resolver um problema funcional, a proposta procura reativar o Montezelo como um espaço vivo, capaz de responder às necessidades atuais ao mesmo tempo que renova a sua identidade.

BIBLIOGRAFIA

Acau Architectes. (n.d.). Civic center. Divisare. https://divisare.com/projects/500286-acau-architectes-nicolas-da-silva-lucas-civic-center

**Agência Portuguesa do Ambiente. (2021). Resumo não técnico do estudo de impacte ambiental – Terminal de Lousado (AIA3372). ** https://siaia.apambiente.pt/AIADOC/AIA3372/rs_eia_terminal_lousado2021126233133.pdf

Campo Baeza, A. (2018). A ideia construída (6.ª ed.). Caleidoscópio.

Climate-KIC. (n.d.). How local communities' voices are shaping the future of cities. https://www.climate-kic.org/news/how-local-communities-voices-are-shaping-the-future-of-cities/

Comboios de Portugal. (n.d.). Comboios de Portugal. https://www.cp.pt/pt/

Cossement, C. (2024). Headquarters and field space – Mogos scout school. ArchDaily. https://www.archdaily.com/1008743/headquarters-and-field-space-mogos-scout-school-cossement-cardoso

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (n.d.). Plataforma de gestão urbanística. https://famalicao.city-platform.com/

Detail Library. (2024, November). New details. https://detail-library.co.uk/november-2024-new-details/

Estação Ferroviária de Lousado. (n.d.). Wikipédia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Esta%C3%A7%C3%A3o_Ferrovi%C3%A1ria_de_Lousado

FDL Natural Stone. (n.d.). Architects specifications. https://www.fdlnaturalstone.com/architects-specifications/

Freguesia de Lousado. (n.d.). Lousado. https://freg-lousado.pt/lousado/

Future Architecture Platform. (n.d.). Project. https://futurearchitectureplatform.org/projects/65644c6a-3b37-4233-a17a-f34f0c861105/

HESS AG. (n.d.). HESS Portugal. https://www.hess-ag.ch/contact/hess-portugal.html?L=2

Lacerda, J. S. C. (2013). A função social do arquitecto: A intervenção do arquitecto em situações limite [Dissertação de mestrado, Universidade Lusíada do Porto]. https://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/592/1/Dissertação%20de%20Mestrado.pdf

Leica Portugal. (n.d.). Leica Portugal. https://www.leica.pt/

Lethes House. (n.d.). Sistema construtivo. https://www.letheshouse.pt/lethes-house/sistema-construtivo/

Lidecko Studio, & AEIOU. (2023). Centro comunitário paroquial. ArchDaily Brasil. https://www.archdaily.com.br/br/987466/centro-comunitario-paroquial-lidecko-studio-aeiou

Linha de Guimarães. (n.d.). Wikipédia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_de_Guimar%C3%A3es

Medway. (n.d.). Terminal de Lousado. https://www.medway-iberia.com/pt/services/lousado/

Murcutt, G. (n.d.). Murcutt details revisited. http://www.sdapgh.com/murcutt_details/Murcutt_details_revisted_r2.pdf

O Minho. (n.d.). Continental Mabor vai expropriar terrenos para investir mais 42 milhões em Famalicão. https://ominho.pt/continental-mabor-vai-expropriar-terrenos-para-investir-mais-42-milhoes-em-famalicao/

Pallasmaa, J. (2021). Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos. Bookman.

Público. (2024, February 21). Solo contaminado atrasa terminal de mercadorias de Famalicão anunciado em 2019. https://www.publico.pt/2024/02/21/local/noticia/solo-contaminado-atrasa-terminal-mercadorias-famalicao-anunciado-2019-2081181

Razão Automóvel. (n.d.). Fábrica da Continental aposta na sustentabilidade. https://www.razaoautomovel.com/noticias/industria-fabrica-continental-sustentabilidade/

Simonin. (2019). Cahier gamme Sapisol. https://www.simonin.com/wp-content/uploads/2017/04/ANG_Cahier-Gamme-Sapisol-16p-12-2019-S.pdf

URBACT. (n.d.). Community building and neighbourhood renewal. https://urbact.eu/good-practices/community-building-and-neighbourhood-renewal

Zumthor, P. (2006). Atmosferas: Entornos arquitetónicos – As coisas que me rodeiam. Gustavo Gili.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Identificação da zona do vale do Ave onde se insere Lousado
fonte:https://www.nacionalidadeportuguesa.com.br/regiao-do-minho-em-portugal/
Figura 2. Identificação de Lousado no Concelho de vila Nova de Famalicão
fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Nova_de_Famalic%C3%A3o
Figura 3. Extratos do PDM com demarcação das curvas de nível
fonte: https://famalicao.city- platform.com/v2/app?a=b_smart_gestao_urbanistica&z=13&c=41.35525966134956,-8.519862909817494&ws=true
Figura 4. Extratos do PDM com demarcação do solo rural
fonte: https://famalicao.city-platform.com/v2/app?a=b_smart_gestao_urbanistica&z=13&c=41.35525966134956,-8.519862909817494&ws=true
Figura 5. Extratos do PDM com demarcação da RAN e REN
fonte: https://famalicao.city- platform.com/v2/app?a=b_smart_gestao_urbanistica&z=13&c=41.35525966134956,-8.519862909817494&ws=true
Figura 6. Extratos do PDM com demarcação das Áreas Industriais
fonte: https://famalicao.city- platform.com/v2/app?a=b_smart_gestao_urbanistica&z=13&c=41.35525966134956,-8.519862909817494&ws=true
Figura 7. Vista aérea onde é possível observar a matriz híbrida típica da zona do Vale do Ave onde a área industrial e os terrenos agrícolas estabelecem grande proximidade.
fonte: https://freg-lousado.pt/
Figura 8 a 11. Vista aérea de áreas Industriais presentes em Lousado
Fonte: https://freg-lousado.pt/
Figuras 12 a 14. manchetes de notícias acerca do impacto industrial.
fontes:https://www.jn.pt/148170213/alargamento-de-zona-industrial-reduz-floresta-em-lousado-famalicao/
https://ominho.pt/continental-mabor-vai-expropriar-terrenos-para-investir-mais-42-milhoes-em-famalicao/
https://www.publico.pt/2024/02/21/local/noticia/solo-contaminado-atrasa-terminal-mercadorias-famalicao-anunciado-2019-2081181
Figura 15. Ortofotomapa de Lousado 2003 destacando a área industrial, cursos de água, linha ferroviária e o Alto Montezelo
fonte: imagem reitada do google earth(2003), editada pelo autor
Figura 16. Ortofotomapa de Lousado 2025 destacando a área industrial, cursos de água, linha ferroviária e o Alto Montezelo.
fonte: imagem reitada do google earth(2025), editada pelo autor
Figura 17. Vista aerea Estação ferroviaria Lousado

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=U9_CGJpTsqc
Figura 18. Linhas ferroviarias Porto-Braga e Porto-Guimarães
Fonte: Linhas ferroviarias Porto-Braga e Porto-Guimarães
Figura 19. planta da proposta do terminal ferroviário.
fonte: https://www.medway-iberia.com/pt/services/lousado
Figura 20. Planta da proposta para requalificação do Montezelo
fonte: Junta de Freguesia de Lousado
Figuras 21 a 23. Imagens do Montezelo durante a romaria nova.
fonte: https://freg-lousado.pt/
Figura 24. Ponte da Lagoncinha
fonte: https://freg-lousado.pt/
Figura 25. Museu Ferroviário
fonte: https://freg-lousado.pt/
Figura 26. Casa do Cardeal Cerejeira
fonte: https://freg-lousado.pt/
Figura 27. Casa do Povo
fonte: https://freg-lousado.pt/
Figura 28. Planta do Montezelo atualmente 1:500.
fonte: autor
Figuras 29 32. Vistas aérea do Montezelo
fonte: https://www.youtube.com/watch?v=U9_CGJpTsqc
Figuras 33 a 40. Levantamento fotográfico do Monrezelo, é possível notar uma tenda pra eventos, utilizada para as várias atividades da comissão da destas ao longo do ano.
fonte: autor
Figuras 41 e 42. Vista da torre da Igreja do durante e após a requalificação do Montezelo
Figuras 43 e 44. Sere original dos escuteiros no montezelo que foi destruída durante a obras de requalificação do Montezelo.
fonte: https://freg-lousado.pt/
Figuras 45 a 46. Modelos tridimensionais do Alto Montezelo.
fonte: autor
Figura 47. Cartas da Romaria Nova de 2026
fonte: https://www.facebook.com/profile.php?id=61583845618431&sk=photos
Figuras 48 e 49. cartazes de eventos realizados no Montezelo para angariação de fundos para a Romaria Nova.
fonte: https://www.facebook.com/profile.php?id=61583845618431&sk=photos
Figura 50. Alçados e planta de cobertura da sede existente.
fonte: autor
Figuras 51 a 55. Levantamento fotográfico do edifício existente.
fonte: autor
Figura 56. Programa do edifício existente.
fonte: autor
Figura 57. Proposta de programa para o novo edifício.
fonte: autor
Figura 58. Axonometria da proposta.

fonte: autor
Figura 59. Muro visto do nível inferior.
fonte: autor
Figura 60. Vista da praça.
fonte: autor
Figura 61. Área florestal envolvente a norte.
fonte: autor
Figura 62. Mapa do percurso da exposição das minas.
fonte: https://www.archdaily.com/796345/allmannajuvet-zinc-mine-museum-peter-zumthor/57ed09c3e58ece204500019f-allmannajuvet-zinc-mine-museum-peter-zumthor-photo?next_project=no
figura 63. Zinc Mines (2016), Peter Zumthor.
fonte: https://www.archdaily.com/796345/allmannajuvet-zinc-mine-museum-peter-zumthor
Figura 64. Modelos tridimensionais do Alto Montezelo com a proposta.
fonte: autor
Figura 65. CIVI CENTER (2024), Auxi-le-Château; França, ACAU ARCHITECTS.
fonte: https://divisare.com/projects/500286-acau-architectes-nicolas-da-silva-lucas-civic-center
Figura 66. Parish Community Center(2021), Lidečko; Chéquia, Studio AEIOU.
fonte: https://www.archdaily.com.br/br/987466/centro-comunitario-paroquial-lidecko-studio-aeiou
Figura 67. Headquarters and Field Space – Mogos Scout School(2023), Vialonga; Portugal, Cossement-Cardoso.
fonte: https://www.archdaily.com/1008743/headquarters-and-field-space-mogos-scout-school-cossement-cardoso
Figura 68. Planta de localização da proposta, escala 1.500.
fonte: autor
Figura 69 e 70. Alçado lado sul pelos acessos e pela praça, escala 1.100.
fonte: autor
Figura 71. Corte longitudinal escala 1.1000
fonte: autor
Figura 72. Fotomontagem Proposta
fonte: autor
Figuras 73 e 74. Corte transversal e planta piso superior, escala 1.100.
fonte: autor
Figura 75. Parish Community Center(2021), Lidečko; Chéquia, Studio AEIOU.
Figura 76. Parish Community Center(2021), Lidečko; Chéquia, Studio AEIOU.

fonte: https://www.archdaily.com.br/br/987466/centro-comunitario-paroquial-lidecko-studio-aeiou
Figura 77. Headquarters and Field Space – Mogos Scout School(2023), Vialonga; Portugal, Cossement-Cardoso.
fonte: https://www.archdaily.com/1008743/headquarters-and-field-space-mogos-scout-school-cossement-cardoso
Figura 78. Headquarters and Field Space – Mogos Scout School(2023), Vialonga; Portugal, Cossement-Cardoso.
fonte: https://www.archdaily.com/1008743/headquarters-and-field-space-mogos-scout-school-cossement-cardoso
Figuras 79 e 80. Planta piso intermédio e planta piso térreo, escala 1.100.
fonte: autor
Figuras 81 e 82. Headquarters and Field Space – Mogos Scout School(2023), Vialonga; Portugal, Cossement-Cardoso.
fonte: https://www.archdaily.com/1008743/headquarters-and-field-space-mogos-scout-school-cossement-cardoso
Figuras 83 a 86. Alçado oeste, alçado este, corte A e Corte B, escala 1.100.
fonte: autor
Figuras 87 e 88. Maquete de estudo da Proposta.
fonte: autor
Figura 89. Perspetiva do interior do salão polivalente
Fonte: autor
Figura 90. Alçado norte com legenda dos materiais de revestimento. 1.200.
fonte: autor
Figura 91. Axonometria da estrutura da proposta.
fonte: autor
Figura 92. CIVI CENTER (2024), Auxi-le-Château; França, ACAU ARCHITECTS.
fonte: https://divisare.com/projects/500286-acau-architectes-nicolas-da-silva-lucas-civic-center
Figuras 93 e 94. modelo tridimensional da estrutura em madeira do interior das paredes e piso intermedio.
fonte: autor
Figura 95. Pormenor construtivo, escala 1.20.
fonte: autor